

3.^a edição

Fundaçāo Champalimaud
Lisboa, Portugal

BOOK 2.0

25

The Future of Reading

03/04 set

#



00:26

Prepare-se. começamos em breve
We're starting soon

00:26

00:26

B&K

A Reinvenção como Missão para a Humanidade

O livro, desde as suas origens, tem sido a prova irrefutável da nossa capacidade de nos reinventarmos. Nesta edição, destacámos o mote darwinista que defende que a adaptação é provavelmente a maior e mais essencial qualidade da espécie humana. Não é a forma mais robusta que perdura, mas sim aquela que melhor se adapta.

Assim nasceu "A Reinvenção das Espécies", uma missão que transcende o setor, procurando contribuir para uma sociedade consciente e resiliente. Esta edição procurou transformar o imenso desafio digital num impulso criativo e numa plataforma para a ação global, com o foco na literacia, na cidadania e na inovação.

Acreditamos no poder das páginas para despertar, desafiar e moldar. O Book 2.0 celebra a capacidade do livro ser, ao mesmo tempo, herança cultural e motor de inovação

tecnológica. A literacia e o pensamento crítico são os bens mais valiosos da economia do futuro, e o livro é o instrumento insubstituível para os desenvolver.

O futuro do livro é indissociável do futuro da humanidade. Ao promovermos a leitura de forma incansável, fortalecemos os pilares da cidadania, da reflexão crítica e do progresso em Portugal. Reinventar o livro é, também, reinventar a nossa capacidade de imaginar, aprender e construir uma sociedade mais informada e livre.



Silvia Rodriguez
Diretora Executiva Book 2.0

CRÉDITOS

Publicado por

APEL – Associação Portuguesa de Editores e Livreiros

Avenida Estados Unidos da América n.º 97 – 6.º Esq
1700-067 Lisboa, Portugal

<https://www.apel.pt/>

Book 2.0

<https://book.apel.pt/>

info.book@apel.pt

[Facebook](#) | [LinkedIn](#) | [Instagram](#) | [X](#) | [YouTube](#) | [Spotify](#) | [TikTok](#)

#Book20 #TheFutureofReading

Direção do Relatório

Silvia Rodriguez, Catarina Santos e Thaís Yumiko

Reportagem de Conteúdos

Markus Almeida

Revisão de Texto

José Eduardo Didier

Design Gráfico

BASLR

Produção e Impressão

Monterreina

Fotografia

André Stachel e Rodrigo Mothe

ISBN: 978-972-9202-57-5





Índice

08	Book 2.0 #TheFutureOfReading	56	A REINVENÇÃO DO POTENCIAL HUMANO, A SOCIEDADE E O FUTURO
14	SOBRE A APEL	59	O Potencial dos Livros na Evolução da Sociedade
16	A REINVENÇÃO DAS ESPÉCIES	60	O Modo Dinamarquês de Educar no Mundo Digital: Uma Nova Abordagem para Criar Crianças Inteligentes no Uso de Ecrãs
18	Reafirmação da Missão da APEL	63	A Atuação Aletria: Pela Estrada Fora
20	Palavras Sem Fronteiras	64	O Impacto de Contar Histórias
22	A REINVENÇÃO DOS LIVROS	67	Os Livros, As Crianças e o Cinema
24	Inteligência Artificial como um Parceiro Colaborativo	68	Empoderar as Famílias para Prevenir o Vício dos Ecrãs
27	Estratégias Digitais e Direitos de Autor	71	A Literacia em Portugal
28	Benefícios Sociais do Impacto Crescente da IA	72	A Voz Que Vem de Dentro
31	Ciência, Sustentabilidade e Edição	75	Ação Política: O que está a ser feito?
32	O Impacto do Regulamento Antidesflorestação da União Europeia	76	Manifesto dos Editores Europeus da FEP (<i>Federation of European Publishers</i>)
35	Espaços de Leitura: Livrarias e a Dimensão Cultural	79	A Magia das Palavras
38	A REINVENÇÃO DA LITERACIA E DA LEITURA	80	Masterclass: Capacitação do Mercado Editorial para a Adaptação Digital
40	A Missão Europeia para a Leitura e Literacia		
43	Criar o Hábito de Ler: O Impacto da Tecnologia, do Tempo e do Cérebro no Hábito de Leitura, como Criar Novos Hábitos		
44	'O Homem que Mordeu os Livros'		
47	A Linguagem da Experiência Humana		
48	Despertar para a Leitura: Já Leste Hoje?		
51	A Força da Língua Portuguesa no Mundo		
52	Um Legado que Perdura no Tempo		

Book 2.0 #The Future of Reading



3-4 Setembro # Fundação Champalimaud — Lisboa, Portugal

Contamos histórias desde sempre.

Desde as primeiras pinturas rupestres aos e-Readers, continua a ser o modo como transmitimos experiências, preservamos memórias e projetamos futuros – o veículo através do qual lemos é que tem estado em constante mudança. A 3.^a edição do Book 2.0, que reuniu no Centro Champalimaud

+700 participantes
e **+40** oradores

em dois dias de debate sobre os desafios do livro, da leitura, da literacia e do mercado editorial no século XXI, nasceu desse impulso antigo, lembrando-nos que **a leitura é, talvez, a mais humana das invocações**.

O mote deste ano – “A Reinvenção das Espécies” – foi inspirado em Darwin e na célebre teoria de que **não são os mais fortes nem os mais inteligentes que sobrevivem, mas os que melhor se adaptam.** Do mesmo modo, também o livro se vê hoje chamado a transformar-se, a encontrar as estratégias digitais de promoção e distribuição – numa perspetiva que integrou temas satélite como a sustentabilidade ambiental da produção livreira, a literacia e a educação digital, a liberdade de expressão e publicação, o papel das bibliotecas e livrarias enquanto espaços de resistência cultural, a força da

novas formas de diálogo com a tecnologia e com os leitores, sem perder a sua essência de conhecimento e de poder. Assim, nos dias 3 e 4 de setembro, o palco do auditório acolheu mais de 40 vozes nacionais e internacionais – escritores, cientistas, políticos, ativistas, educadores e líderes culturais de diversos continentes – que, perante centenas de participantes, exploraram os desafios e as possibilidades do **futuro da leitura** num mundo em acelerada transformação.

Esta edição trouxe conversas profundas e urgentes centradas na reinvenção dos livros – da inteligência artificial como parceiro criativo e a necessidade de proteger direitos de autor, às estratégias digitais de promoção e distribuição – numa perspetiva que integrou temas satélite como a sustentabilidade ambiental da produção livreira, a literacia e a educação digital, a liberdade de expressão e publicação, o papel das bibliotecas e livrarias enquanto espaços de resistência cultural, a força da

língua portuguesa no mundo, a parentalidade na era dos ecrãs e, acima de tudo, a defesa da leitura como direito humano fundamental e pilar insubstituível da democracia.

A 3.^a edição do Book 2.0, afirma-se como palco de reflexão e reinvenção.

Um espaço onde o livro não é apenas objeto cultural, mas símbolo de adaptação, de resistência e de futuro.



Entre páginas e
possibilidades,
reinventamo-nos
para criar o futuro.

VÍDEO DE ABERTURA

O vídeo de abertura do Book 2.0 – O Futuro da Leitura marcou o arranque do evento com uma celebração da palavra, do livro e da imaginação. Uma viagem visual e sonora que homenageia autores, leitores, editores e todos os que acreditam que a leitura continua a ser o mais poderoso motor de transformação individual e coletiva.

A Reinvenção das Espécies



Assista ao vídeo de abertura da **3.ª edição** do Book 2.0

Nas palavras de quem viveu o evento

Entre ideias e emoções, o público partilhou o entusiasmo, a inspiração e a vontade de continuar a ler — e a pensar — o futuro.

“
A evolução da espécie passa seguramente pela leitura.

“
É a surpresa que faz a boa literatura.

“
Quem lê é mais feliz e quem escreve também.

“
O futuro do livro, o futuro da humanidade.

“
Apesar dos avanços da IA, a reinvenção do mercado editorial sempre dependerá em grande escala da criatividade e conexão humanas.

“
Uma experiência muito completa e fora da caixa.

“
Essencial para todos os que se preocupam com o futuro.

“
Amar os livros é amar a vida.

“
O Book 2.0 é um evento que dá voz aos livros, que estão sempre sós, como muitos de nós, mas que aqui se encontram. Parabéns!



Apresentadora

Alberta Marques Fernandes Jornalista e autora portuguesa



“

O Book 2.0 pretende ser mais do que um evento de livros, pretende ser um encontro para todos os que têm paixão pela palavra, pelo conhecimento, pela informação e pela criatividade. Discutir o futuro do livro é, também, discutir o futuro do pensamento.”

— Alberta Marques Fernandes

Sobre a APEL

Miguel Pauseiro # Presidente da APEL -
Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (Portugal)

A [Associação Portuguesa de Editores e Livreiros \(APEL\)](#)

é uma associação sem fins lucrativos, constituída no dia 14 de agosto de 1975 e reconhecida, desde 4 de maio de 1995, como Pessoa Coletiva de Utilidade Pública, nos termos do Decreto-Lei n.º 460/77 de 7 de novembro.

É constituída por pessoas que exerçam no território nacional as atividades de editor, livreiro, alfarrabista, distribuidor, revendedor ou exportador de livros e **assume-se igualmente como entidade de gestão coletiva de direitos de autor destes mesmos operadores**.

A APEL tem por **missão** promover o desenvolvimento sustentado do setor do Livro em Portugal, a defesa dos direitos de autor, a diversidade editorial, a qualificação contínua dos profissionais do setor e a realização das ações necessárias à promoção das atividades editorial, distribuidora e livreira, no território nacional ou no estrangeiro que beneficiem coletivamente os titulares

de direitos representados pela associação.

Procura fomentar a produção e promoção de obras literárias em língua portuguesa, publicadas em Portugal, nos seus diferentes formatos,

que concorram para garantir o acesso universal ao livro e à leitura, assim como para promover o incremento do nível de literacia da nossa sociedade.

Através de várias parcerias e colaborações junto dos mais diversos interlocutores, públicos ou privados, **procura garantir a presença do livro português no cenário internacional** e impulsionar o debate sobre os desafios e as oportunidades, para que o setor se adapte e prepare proativamente para as inovações e transformações tecnológicas que o futuro antecipa.



❓ SABIA QUE?

► Em 2024, a 94.ª edição da Feira do Livro de Lisboa superou um milhão de visitantes, registando uma média de 45 mil visitas por dia.

► O ISBN (International Standard Book Number) é um número de 13 dígitos que identifica, de forma única, os livros publicados internacionalmente.

► A APEL é a Agência Portuguesa do ISBN desde 1988 e atribui números a editores sediados em Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

► A Agência Nacional ISBN atribui uma média de 20 000 números de ISBN por ano e tem cerca de 23 000 editores registados.

A Reinvenção das Espécies



“De acordo com A Origem das Espécies de Darwin, não é a mais intelectual das espécies que sobrevive; não é a mais forte que sobrevive; mas a espécie que sobrevive é aquela que melhor se consegue adaptar e ajustar ao ambiente em mudança no qual se encontra.”
– Megginson (1963)

Após duas edições marcantes, o **Book 2.0 regressa** para a sua terceira edição, afirmando-se como um espaço de **reflexão** e **inovação** sobre o futuro do livro e da literacia. Este ano, o evento decorre na Fundação Champalimaud, um símbolo de excelência científica e tecnológica, destacando a interseção entre conhecimento e inovação.

Debatemos como a inteligência artificial, a democratização do conhecimento, a sustentabilidade, a reinvenção dos espaços literários estão a transformar a nossa relação com os livros, inspirando soluções inovadoras e políticas para o futuro do setor e contribuindo para uma sociedade **mais informada** e **preparada** para os desafios atuais.

2 CURIOSIDADES

► Apesar do crescimento económico do setor editorial, a leitura ainda não é um hábito diário para a maioria das famílias portuguesas.

► O progresso nas últimas cinco décadas em educação e acesso aos livros não se traduziu plenamente em hábitos consistentes de leitura.

“

O papel da escola, das famílias e da sociedade em geral é crucial para que o livro seja visto como uma ferramenta essencial de cidadania e de desenvolvimento do potencial humano e para que a leitura se transforme num hábito sustentável ao longo da vida.”

— Miguel Pauseiro



Reafirmação da Missão da APEL



Miguel Pauseiro # Presidente da APEL -

Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (Portugal)

O Presidente da APEL (Associação Portuguesa de Editores e Livreiros), Miguel Pauseiro, apresentou um diagnóstico abrangente sobre o mercado livreiro em Portugal, defendendo a urgência de uma estratégia nacional para a leitura e literacia que seja um compromisso coletivo e transversal a vários setores da sociedade.

Os dados revelam um paradoxo: o mercado editorial atingiu os 202 milhões de euros em 2024, representando um forte crescimento de 8%.

No entanto, Portugal mantém o indicador per capita de compra de livros mais baixo entre países europeus comparáveis, registrando 1,3 livros por habitante.

O estudo "Hábitos de Compra e Leitura em Portugal" indica uma trajetória positiva: 76% dos portugueses leram pelo menos um livro em 2024, um aumento face aos 73%

registados no ano anterior. É notável o crescimento económico do setor, que demonstra a resiliência da edição. No entanto, a quantidade de livros lidos sofreu uma quebra: no total, os portugueses leram em média 5,3 livros, e o número médio entre os leitores diminuiu de 7,9 para 7,2 em 2024. Estes resultados confirmam que, embora o setor se revitalize economicamente, a compra de livros e a leitura não são, ainda, uma prática regular na maioria das famílias portuguesas.

Miguel Pauseiro sublinhou que Portugal enfrenta desafios estruturais profundos na democratização da leitura. A solução, apontou, passa por uma abordagem integrada que combine políticas públicas, inovação tecnológica e mobilização social, reafirmando a leitura como ferramenta essencial de cidadania e de desenvolvimento humano. O papel da escola, das famílias e da sociedade em geral é crucial para que o livro seja visto como um instrumento essencial ao longo da vida de cada cidadão.

Palavras sem Fronteiras



Gvantsa Jobava # Presidente da IPA – International Publishers Association (Geórgia)

A mensagem de **Gvantsa Jobava**, a presidente da International Publishers Association (IPA), é clara: **o futuro do livro depende da capacidade de adaptação, da defesa intransigente dos direitos de autor e da liberdade de publicar, mas também da união de todos os que integram o setor editorial.** Partindo do tema desta edição do Book 2.0, “A Reinvenção das Espécies”, Gvantsa traçou um paralelismo com a evolução do próprio setor editorial e lembrou que também os livros sofreram transformações profundas ao longo do tempo. De **folhetins** publicados em série a **livros de bolso**, do aparecimento de **audiolivros** às **plataformas de subscrição**, a edição tem-se reinventado constantemente para responder às mudanças culturais e tecnológicas.

O combate à pirataria continua a ser uma batalha, as tentativas de censura e controlo político de manuais escolares ameaçam a

independência editorial e até a liberdade académica é alvo de pressões. O discurso refletiu a experiência de Gvantsa enquanto ativista na Geórgia, denunciando a prisão de escritores e opositores no seu país e alertou para os sinais de retrocesso democrático que se multiplicam no mundo. “Um editor não pode ser um **observador passivo**”, afirmou, acrescentando que a única forma de enfrentar os desafios atuais é através da união e da solidariedade internacional.

Gvantsa destacou a responsabilidade ética que distingue os editores das grandes plataformas digitais.

“Ao contrário das big tech, nós assumimos o que publicamos: corrigimos erros, enfrentamos tribunais, damos a cara”, frisou.

Esta responsabilidade é a “superpotência” do setor e garante a credibilidade do livro como espaço de diálogo, diversidade cultural e pensamento crítico. Nesse sentido, recordou o Manifesto de Ljubljana, que apela à promoção da leitura de longo formato, fundamental para combater a superficialidade das redes sociais e a proliferação de desinformação. E evocou exemplos de resistência, como os editores bielorrussos premiados recentemente pela associação, que continuaram a publicar em exílio apesar da repressão.

O livro é um **instrumento insubstituível** na formação de cidadãos livres e corajosos, capazes de defender valores democráticos. “Mesmo na era das máquinas, o que faz a diferença são as pessoas”, concluiu, numa homenagem a editores, autores, livreiros, bibliotecários e leitores que, em conjunto, asseguram a vitalidade do livro e da edição.



SABIA QUE?

► A International Publishers Association (IPA), liderada por Gvantsa Jobava desde janeiro de 2025, está prestes a celebrar 130 anos de existência.

► A IPA tem dois pilares centrais: a defesa dos direitos de autor e a liberdade de publicar, ambos considerados hoje em risco.

► A inteligência artificial é vista como “um grande assalto aos direitos de autor”, representando um dos principais desafios do setor.

► Ao longo da história, o livro tem-se reinventado: dos folhetins aos livros de bolso, dos audiolivros às plataformas de subscrição e ao comércio digital.

“

Mesmo na era das máquinas, o que faz a diferença são as pessoas.”

— Gvantsa Jobava

Um editor não pode ser um observador passivo”

— Gvantsa Jobava

A Reinvenção dos Livros



Num mundo em constante transformação, o livro mantém-se como um pilar essencial do **conhecimento e da cultura**. Nesta edição, refletimos sobre como a evolução do livro acompanha a história da humanidade, espelhando mudanças culturais, tecnológicas e ambientais. A forma como criamos, acedemos e partilhamos a leitura está a mudar rapidamente. Com o impacto crescente da inteligência artificial e da sustentabilidade no setor editorial, torna-se urgente repensar o futuro da edição e da leitura.

Do avanço tecnológico à responsabilidade ambiental, passando pelos direitos de autor, cadeias de distribuição e espaços de leitura, olhamos para os desafios e oportunidades que moldam o futuro da edição. Como garantir a **valorização do livro** num contexto digital? Que impacto terá a IA na criação e circulação de conteúdos? Como podemos repensar práticas editoriais à luz da sustentabilidade? E que estratégias podem proteger a diversidade linguística face à homogeneização do mercado?

Esta edição convida-nos a refletir sobre o **papel do livro na sociedade contemporânea**, como veículo de conhecimento e transformação.

Inteligência Artificial como um Parceiro Colaborativo



Nadim Sadek Autor, Fundador e CEO da Shimmr AI (Irlanda)

Psicólogo de formação, autor e empresário na área tecnológica, Nadim Sadek vive entre dois mundos – o da criação literária e artística, e o da liderança de uma empresa de IA aplicada à edição. A primeira ideia que apresentou foi simples:

se há oito mil milhões de pessoas no planeta, então há oito mil milhões de criadores.

Nadim reforçou a importância de democratizar o acesso às ferramentas que permitem transformar ideias em livros, músicas, jogos, invenções ou memórias. É nesse processo que defende que a inteligência artificial se pode revelar uma “companheira criativa”.

Em vez de usar IA como um motor de busca, Nadim

sugere estabelecer um diálogo contínuo, capaz de estimular ideias e estruturar argumentos. **Propôs uma mudança semântica que reflete a visão de parceria colaborativa entre seres humanos e máquinas: dizer inteligência “aliada” em vez de “artificial”.** Em vez de se temer a antropomorfização da IA, sugeriu que se veja a tecnologia como uma destilação da sabedoria coletiva da humanidade, um repositório acessível de todo o conhecimento alguma vez produzido.

Nadim sublinhou que a IA, ao contrário dos seres humanos, não sente – apenas pensa. E é precisamente essa diferença que deve tranquilizar: **a dimensão emocional e instintiva continuará a ser exclusiva das pessoas.**

“Confiem nos vossos instintos, na vossa humanidade, nas vossas emoções, e deixem-

nas interagir com a IA para construírem coisas juntas”, apelou. No setor editorial, Nadim alertou que as editoras perderão relevância se não abraçarem a IA proativamente, dando exemplos práticos de aplicação: triagem de manuscritos, revisões, traduções em larga escala, audiolivros com vozes clonadas e otimização da distribuição. Concluiu que, **se usada de forma ética, a IA pode tornar a edição mais eficiente e enriquecer a experiência da leitura,** abrindo caminho a um futuro mais plural e criativo.



2 CURIOSIDADES

- Nadim prefere o termo “inteligência aliada” em vez de “artificial”, refletindo a visão de uma colaboração entre seres humanos e máquinas.
- Considera a IA uma “companheira criativa”, capaz de estimular ideias, estruturar argumentos e revelar significados ocultos.
- Acredita que a dimensão emocional e instintiva continuará a ser exclusiva dos seres humanos, mesmo num mundo cada vez mais tecnológico.
- Enfatizou que a indústria musical integrou a IA de forma bem-sucedida, enquanto o mundo editorial permanece receoso devido a questões de direitos de autor.

“

Confiem nos vossos instintos, na vossa humanidade, nas vossas emoções, e deixem-nas interagir com a IA para construírem coisas juntas”

— Nadim Sadek

“

Portugal pode ser um laboratório europeu de inovação criativa responsável.”

— Joana Pinto



QUESTIONADAS

► A conversa entre Joana Pinto e André Novais de Paula foi moderada por Tiago Freire, reunindo perspetivas jurídicas, tecnológicas e de marketing.

► O conceito de *transmedia* foi destacado como uma oportunidade: personagens literárias podem ganhar vida nas redes sociais e livros técnicos podem evoluir em *hubs* de conhecimento.

► A marca pessoal dos autores está a tornar-se um fator estratégico, capaz de criar comunidades de leitores fiéis.

► Todos os participantes concordaram que, apesar da evolução digital, o livro permanece o núcleo da experiência narrativa.

Estratégias Digitais e Direitos de Autor



André Novais de Paula # Presidente da Associação Portuguesa de Marketing Directo e Digital (Portugal)

Joana Pinto # Advogada e Sócia da Antas da Cunha ECIJA (Portugal)

Tiago Freire # Subdiretor do ECO (Portugal)

Joana Pinto, jurista especializada em direito e inteligência artificial, e André Novais de Paula, especialista em comunicação e marketing, partilharam visões que cruzam **preocupações jurídicas, tecnológicas e estratégicas** com a necessidade de manter viva a essência do livro enquanto objeto cultural, numa conversa moderada por Tiago Freire. A jurista abriu o debate salientando que **o maior risco para o setor não é o desaparecimento do livro, mas a sua desvalorização como obra intelectual protegida** para se transformar em “alimento” gratuito para sistemas de inteligência artificial. Recordou que centenas de milhares de livros já foram usados para treinar modelos gerativos sem consentimento ou compensação aos autores, e sublinhou a urgência de atualizar conceitos jurídicos e garantir que o estatuto económico e cultural da criação autoral não se perca neste novo ecossistema digital.

Do lado do marketing, André Novais de Paula sintetizou o principal desafio de forma pragmática: **vender livros**.

Num mercado saturado, em que cada leitura compete com a televisão, os videojogos e as redes sociais, a disputa é pela atenção dos leitores. André salientou que a promoção não é um detalhe, mas sim o **prolongamento essencial** do trabalho editorial. O diálogo evoluiu para os riscos e as oportunidades da inteligência artificial. Joana Pinto defendeu uma inovação que respeite direitos e integre transparência, rastreabilidade e mecanismos de compensação justa desde a origem. Reconheceu avanços proporcionados pela diretiva europeia de direitos de autor, mas criticou a transposição pouco ambiciosa feita por Portugal, que deixou autores e editores em posição frágil face às grandes plataformas.

Defendeu um papel mais ativo do Estado e a criação de autoridades de supervisão eficazes.

Tiago Freire lançou então o tema da “vida para além do livro”, questionando sobre o potencial da criação de comunidades em torno das obras e personagens. André evocou o conceito de **transmedia** e defendeu que nada impede que personagens literárias

tenham presença nas redes sociais ou que livros técnicos sejam acompanhados de hubs de conhecimento atualizáveis. Sublinhou ainda a importância da marca pessoal dos autores, trabalhada pelas editoras ou pelo próprio escritor, criando comunidades fiéis que acompanhem cada lançamento. Joana Pinto lembrou que a expansão da obra para outras plataformas levanta questões jurídicas adicionais: quem deve explorar comercialmente essas novas dimensões, como se protege a compensação do autor e como são tratados os dados pessoais dos membros dessas comunidades.

Apesar das oportunidades digitais, todos concordaram que o livro permanece a base insubstituível da experiência narrativa.

Ficou o desafio de conciliar **inovação e proteção** dos direitos, garantindo que o futuro do setor se construa de forma sustentável, sem comprometer a autoria e o valor cultural do livro.

Benefícios Sociais do Impacto Crescente da IA



Axel Voss Membro do Parlamento Europeu (Alemanha)

Axel Voss, eurodeputado alemão, apresentou uma reflexão sobre os desafios da IA e o seu enquadramento jurídico, destacando o recém-aprovado AI Act e as tensões crescentes entre direitos de autor e sistemas generativos. Voss sublinhou que a IA já está integrada em setores como saúde, energia, educação e segurança e terá impactos decisivos nas sociedades.

O desafio é compatibilizar esta realidade com princípios jurídicos e democráticos criados no século passado.

Reconhecendo o enorme potencial da tecnologia, advertiu, contudo, para alguns riscos como a manipulação da opinião pública. "Hoje, já é difícil distinguir o real do falso, e isso fragiliza as nossas democracias", disse.

O AI Act procura responder a estes dilemas através de uma abordagem baseada no risco. No topo estão as "utilizações proibidas" de IA, como o reconhecimento emocional ou a vigilância biométrica massiva. Seguem-

se os "sistemas de alto risco", sujeitos a regras rigorosas, e os sistemas de "baixo risco" que exigem menos obrigações, explicando que a fronteira entre categorias nem sempre é clara, o que torna o diploma "complexo e burocrático". **Ainda assim, insistiu numa regra essencial: "não deixar que a máquina decida sobre o ser humano".** A lei sublinha a importância da transparência: os cidadãos devem saber quando estão perante conteúdos criados por IA, quer em contexto noticioso, quer cultural. E defendeu a criação de "sandboxes" regulatórias: ambientes controlados e supervisionados para testarem aplicações de IA sem entraves excessivos.

Voss abordou o impacto da IA generativa nos direitos de autor, considerando que a legislação europeia atual não foi concebida para lidar com a escala de utilização de obras protegidas no treino destes sistemas. Recordou que o artigo 4º da diretiva de 2019, que consagrou a exceção para "text and data mining", foi criado para uso pessoal e académico, e não para modelos de negócio de grandes tecnológicas. A interpretação atual, que

permite exploração em massa sem eliminação posterior dos dados, contraria esse espírito. Por isso, defendeu **a criação de novas regras que assegurem remuneração e licenciamento justos**, de forma a não desvalorizar o trabalho dos criadores, através de um registo centralizado e obrigatório, que simplificaria os processos de licenciamento e reforçaria o poder negocial dos criadores europeus.

Voss explicou que a proteção autoral não deve travar o desenvolvimento da IA, sob risco de afastar empresas e investigadores da Europa. O equilíbrio, disse, deve ser duplo: **proteger criadores e, ao mesmo tempo, recuperar terreno num setor dominado pelos EUA e pela Ásia.** Ciente da complexidade, admitiu não haver soluções perfeitas, mas apontou caminhos como o licenciamento simplificado, uma maior centralização na gestão coletiva de direitos e novas formas de supervisão que conciliem direitos de autor com as exigências da economia digital. Concluiu com um apelo: "Ninguém tem ainda a resposta definitiva, mas precisamos de avançar com pragmatismo, equilíbrio e visão de futuro".

CURIOSIDADES

► Axel Voss sublinhou que a IA já está presente em setores como saúde, energia, educação e segurança, influenciando diretamente a vida quotidiana.

► O AI Act introduz o conceito de "sandboxes" regulatórias, ambientes controlados que permitem testar aplicações de IA sob supervisão, promovendo inovação segura.

► Voss reconheceu que a fronteira entre riscos alto e baixo nem sempre é clara, o que torna o diploma complexo e burocrático.

► A sua principal regra de ouro: "não deixar que a máquina decida sobre o ser humano".



“

Ninguém tem ainda a resposta definitiva, mas precisamos de avançar com pragmatismo, equilíbrio e visão de futuro.”

— Axel Voss

RECOMENDAÇÕES

- ▶ Valorizar o livro em papel como objeto cultural e pedagógico, reconhecendo o seu papel insubstituível na formação do pensamento crítico.
- ▶ Promover o equilíbrio entre leitura digital e tradicional, sobretudo nas escolas, para evitar a dependência excessiva dos ecrãs.
- ▶ Investigar e reduzir o impacto ambiental da produção tecnológica, sem descurar o valor sustentável da leitura em papel.
- ▶ Estimular a curiosidade e o prazer da leitura como competências essenciais à compreensão do mundo e à evolução humana.



Ciência, Sustentabilidade e Edição



Carlos Fiolhais # Autor, Cientista, Físico e Professor (Portugal)

Carlos Fiolhais levou o público numa viagem pelo mundo dos livros, cruzando ciência, história, tecnologia e reflexões pessoais. O ponto de partida foi “A Origem das Espécies”, de Charles Darwin, publicado em 1859, que esgotou no próprio dia em que foi lançado e que ainda hoje vende cerca de cem mil exemplares por ano. **Este fenómeno confirma a ideia de que os livros são capazes de transcender o tempo, estabelecendo pontes entre gerações e garantindo a continuidade do saber humano.**

Fiolhais recordou os primeiros regístos em argila, pedra, couro ou papiro, que permaneciam acessíveis a reduzidíssimas elites, até à invenção do papel e da imprensa, na China, entre os séculos II e VI. Foram precisos cerca de mil anos até que a nova técnica chegasse à Europa medieval e desencadeasse, com Gutenberg, por volta de 1450, a autêntica revolução

da impressão em massa. **A capacidade de reproduzir ideias em escala foi decisiva para a emergência da ciência moderna:** sem papel e sem tipografia, sustentou o orador, não teria sido possível nem Copérnico nem Galileu.

Os livros tornaram-se motores de transformação ao lado das descobertas científicas, multiplicando os frutos de uma árvore do conhecimento que nunca deixou de crescer. Este fio histórico desembocou inevitavelmente na chamada revolução digital. O **salto tecnológico** até à era digital foi traçado como um paradoxo:

a produção mundial de papel não diminuiu com o digital.

Pelo contrário, a curva de consumo mantém uma subida contínua, ainda que suave, o que prova a persistência do livro em papel como **objeto preferencial** de leitura, mesmo com a

difusão de e-books. Com humor, contou a sua própria experiência com dispositivos eletrónicos — após o entusiasmo inicial, rapidamente foram guardados na gaveta — para reafirmar que, em pleno século XXI, as páginas impressas continuam a oferecer vantagens insubstituíveis.

Ao concluir, deixou uma grande questão: **porque lemos? Porque a leitura,** respondeu evocando Carlo Rovelli, **é tão natural como respirar ou caminhar.**

“Somos criaturas curiosas”, disse, “movidas pelo desejo de compreender o mundo”. Ler é, assim, a nossa maior adaptação evolutiva, a forma de prolongar a memória coletiva e projetar o futuro. A escola, lembrou, deve cumprir esse papel de transmitir o melhor da humanidade. Renunciar à leitura seria abdicar de experiências essenciais da vida.

O Impacto do Regulamento Antidesflorestação da União Europeia



Sofia Castelão # Responsável Corporativa Sistemas de Gestão da The Navigator Company (Portugal)

Sofia Castelão, representante da Navigator, trouxe ao Book 2.0 um tema incontornável para o futuro do setor: a nova regulamentação europeia de combate à desflorestação. Um quadro legislativo que nasce do Pacto Ecológico Europeu e procura responder a uma crise ambiental que já leva décadas sem soluções eficazes.

A oradora recordou que a União Europeia é um dos maiores consumidores mundiais de produtos associados à desflorestação e que, por isso, assume um papel ativo na regulação das cadeias de abastecimento globais. No caso dos livros, o impacto é direto, uma vez que a madeira e o papel se encontram na base da sua produção.

O novo regulamento enquadra-se no **Pacto Ecológico** Europeu e dirige-se não só aos produtores sediados no espaço comunitário como também a todos os agentes da fileira global, abarcando importações, exportações e toda a cadeia intermédia. A partir de agora, qualquer livro comercializado no espaço europeu — seja produzido internamente ou importado — terá de demonstrar, através

de provas documentais e coordenadas geográficas, que o papel utilizado provém de madeira explorada sem ligação a áreas desflorestadas após dezembro de 2020 e em respeito absoluto pela legalidade, os direitos humanos, as normas ambientais e laborais.

O conceito-chave é a rastreabilidade. Cada etapa da cadeia produtiva, desde a extração da madeira até à chegada do livro às mãos do consumidor, terá de ser registada num sistema europeu. Assim, gráficas, editoras, distribuidores e livrarias terão de recolher e transmitir informação, alimentando continuamente essa base de dados. As grandes empresas terão de o cumprir já a partir de 30 de dezembro de 2025, as pequenas e médias empresas terão mais seis meses para adaptação.

Sofia não escondeu a complexidade do processo.

Quanto mais longa e transformadora for a cadeia, mais difícil se torna chegar à origem.

As empresas terão de investir em novos sistemas tecnológicos, rever processos

internos e, em alguns casos, recorrer a certificações que facilitem a demonstração da legalidade e sustentabilidade das matérias-primas. As consequências do incumprimento também foram sublinhadas: multas que podem ascender a 4% do volume de negócios e a exposição pública das sanções, com impacto direto na reputação das empresas.

Num mercado internacional cada vez mais exigente, a transparência e o compromisso ambiental são fatores de competitividade e diferenciação. **O novo regulamento pode reforçar a confiança dos consumidores europeus e projetar os produtos feitos no espaço comunitário como referência de sustentabilidade.**

Sofia terminou com um apelo à visão de futuro e ao compromisso coletivo numa altura em que as escolhas que se tomam na produção e no comércio de livros e outros produtos se cruzam com as grandes lutas globais pela conservação das florestas e pelo combate às alterações climáticas. Nesse sentido, o novo regulamento europeu é um ponto de viragem e coloca a Europa na linha da frente.

“

O novo regulamento europeu é um ponto de viragem e coloca a Europa na linha da frente.”

— Sofia Castelão



2 CURIOSIDADES

- O conceito-chave do novo quadro legislativo é a rastreabilidade — cada etapa da cadeia produtiva será registada num sistema europeu comum.
- O impacto do regulamento é direto no setor do livro, já que a madeira e o papel estão na base da sua produção.
- A complexidade da rastreabilidade aumenta quanto mais longa e transformadora for a cadeia produtiva.
- As certificações ambientais e de origem poderão tornar-se uma vantagem competitiva para empresas que apostem na transparência.



SABIA QUE?

- O projeto The Poets & Dragons Society, criado por Dinis e Elisabete Machado, junta uma editora e duas livrarias — uma na Costa da Caparica e outra em Campo de Ourique.
- A livraria Aqui Há Gato, de Sofia Vieira, em Santarém, ganhou projeção nacional durante a pandemia: em 2020, Sofia contou duas histórias por dia em direto, primeiro no Facebook e depois no YouTube.
- O canal da livraria aproxima-se de 100 mil subscriptores e ultrapassa um milhão de visualizações mensais, alcançando crianças em Portugal e na diáspora.
- Segundo Elisabete Machado, a procura pelo livro físico mantém-se forte, contrariando estudos que apontam para uma quebra nas vendas.

“

A partilha digital não substitui o livro físico, cria o desejo de o ter.”

— Sofia Vieira

A livraria é mais do que um espaço de venda, é um lugar de afeto.”

— Dinis Machado e Elisabete Machado

Espaços de Leitura: Livrarias e a Dimensão Cultural



Dinis Machado e Elisabete Machado # Fundadores da The Poets & Dragons Society (Portugal)

Sofia Vieira # Fundadora da Livraria Aqui Há Gato (Portugal)
Joana Moreira # Jornalista de Cultura do Observador (Portugal)

A conversa moderada por Joana Moreira partiu da ideia de que as livrarias são muito mais do que pontos de venda: são lugares de encontro, descoberta e iniciação à leitura. Dinis e Elisabete Machado apresentaram o projeto The Poets & Dragons Society, que conjuga uma editora e duas livrarias, que organizam regularmente sessões de leituras de histórias que atraem famílias inteiras, criando memórias afetivas em torno do livro e trabalhando a literacia das crianças antes mesmo da sua alfabetização.

Sofia Vieira recordou as dificuldades que durante 12 anos sentiu na livraria infantil

Aqui Há Gato, em Santarém, para conseguir sobreviver apenas da venda de livros. A pandemia foi o ponto de viragem: durante quatro meses, Sofia contou duas histórias por dia. Hoje, o canal YouTube da livraria aproxima-se dos 100 000 subscriptores e ultrapassa um milhão de visualizações mensais. Sofia sublinhou que **a partilha criou o desejo nas crianças de comprar o livro da história que ouviram, de o levar para casa, folheá-lo e revisitá-lo em família.**

Sobre os hábitos de compra, Elisabete afirmou não sentir a quebra registada em estudos recentes: pelo contrário, há forte procura pelo livro

físico. Dinis acrescentou que o formato é secundário: importa manter o ato de ler e a paixão pela narrativa, confiando que

o vínculo afetivo ao papel acaba por prevalecer.

Destacou ainda a importância central da figura do livreiro. Para ele, a livraria é mais do que um espaço de venda, é um ambiente acolhedor onde a relação com o livro físico é fundamental. Lembrou que muitas crianças entram sozinhas, ansiosas por agarrar e cheirar um livro, e que esse vínculo afetivo é essencial para criar leitores duradouros.



A Reivenção da Literacia e da Leitura



A literacia continua a ser uma das ferramentas mais poderosas para a construção de uma sociedade mais consciente, inclusiva e resiliente. Através da leitura, desenvolvemos pensamento crítico, alimentamos a curiosidade e criamos novas formas de interpretar o mundo que nos rodeia. Nesta edição, refletimos sobre o impacto transformador da leitura, desde o papel ancestral das histórias na construção da identidade humana, até à importância de cultivar o hábito de ler num mundo marcado pela aceleração digital. Debatemos como a tecnologia pode expandir o acesso ao conhecimento, analisamos o surgimento de novos formatos, e olhamos para o papel das comunidades online na promoção da literatura jovem.

De que forma o ato de contar histórias nos ajuda a enfrentar os desafios do presente? Como podemos cultivar hábitos de leitura num mundo de estímulos constantes? De que forma a tecnologia pode apoiar o crescimento de novos leitores? Qual é o papel das redes sociais e comunidades digitais na promoção da leitura? Que estratégias podem valorizar a literatura em língua portuguesa e garantir a sua projeção num mercado globalizado? Que missão coletiva queremos deixar às próximas gerações?

A Missão Europeia para a Leitura e Literacia



Pia Ahrenkilde Hansen # Diretora Geral para a Educação, Jovens, Desporto e Cultura da Comissão Europeia (Dinamarca)

A porta-voz da Comissão Europeia teve uma intervenção centrada no futuro da leitura e da literacia na Europa, em que cruzou os desafios trazidos pela revolução digital com as responsabilidades políticas e sociais de preservar e promover a cultura. Evocando José Saramago, lembrou que ler é “outra forma de estar num lugar”, e alertou para o declínio das práticas de leitura na Europa. As causas são diversas, desde a aceleração tecnológica à fragmentação da atenção, e as consequências são profundas: um em cada cinco adultos tem dificuldades de leitura e escrita, e um em cada quatro jovens de 15 anos falha nos testes básicos de leitura, matemática e ciência.

Perante esta realidade, a Comissão Europeia lançou em março um plano de ação para enfrentar a “bomba-relógio” da crise das competências básicas. A proposta assenta numa abordagem de ecossistema (escolas, governos, editores, bibliotecas e empresas) e numa Coligação

Europeia para a Literacia, prevista para 2026. O objetivo é reforçar competências essenciais, como **a leitura, a escrita, a matemática, a ciência, as competências digitais e a cidadania**, numa lógica de aprendizagem ao longo da vida.

Pia Ahrenkilde Hansen ressalvou que a literacia vai hoje para lá da leitura tradicional: implica saber avaliar criticamente a avalanche diária de informação, distinguir factos de desinformação e compreender os mecanismos digitais que moldam a opinião pública. Recordou que 43% dos adolescentes de 14 anos ainda não possuem competências digitais básicas, uma fragilidade que, em tempos de polarização e desconfiança nas instituições, é uma ameaça à participação democrática.

Ainda assim, vê na tecnologia uma aliada, desde que enquadrada por regras claras. Lembrou que a UE foi pioneira ao aprovar o AI Act, que obriga as plataformas de inteligência artificial a respeitarem o

direito de autor e a revelarem os dados de treino, e anunciou uma estratégia específica para IA no setor cultural, em desenvolvimento pela comissária Iliana Ivanova. Para sustentar esta viragem, Bruxelas promete reforçar o financiamento. O futuro programa Agora EU terá 8,6 mil milhões de euros, mais do dobro dos programas atuais, destinado a unir cultura, media, cidadania e valores democráticos. Iniciativas como a *European Library Associations Network*, o Prémio da União Europeia para a Literatura ou o Dia Europeu dos Autores manter-se-ão, tal como o apoio anual à tradução de 450 livros em quase 40 línguas.

Hansen terminou com um apelo coletivo:

envolver pais, professores, editores, bibliotecas e cidadãos – e ouvir os jovens,

dar o exemplo em casa trocando ecrãs por livros.

2 CURIOSIDADES

- Pia Ahrenkilde Hansen citou José Saramago, lembrando que “ler é outra forma de estar num lugar”.
- A comissária destacou que a literacia vai para além da leitura tradicional, abrangendo a capacidade de avaliar criticamente a informação e distinguir factos de desinformação.
- A UE foi pioneira ao aprovar o AI Act, que obriga as plataformas de IA a respeitarem direitos de autor e revelarem os dados de treino.
- Bruxelas mantém iniciativas culturais de referência como a *European Library Associations Network*, o Prémio da União Europeia para a Literatura e o Dia Europeu dos Autores.
- Todos os anos, a União Europeia apoia a tradução de 450 livros em quase 40 línguas.



“

Porque ler é mais do que aprender: é imaginar, criar laços e fortalecer a democracia.”

— Pia Ahrenkilde Hansen

“

O melhor tipo de leitura
é aquele que realmente
fazemos.”

— Meg Jay



SABIA QUE?

► A psicóloga e autora Meg Jay destacou que a leitura é um dos hábitos mais poderosos que podemos cultivar, especialmente na juventude.

► Entre os 20 e os 30 anos, o cérebro humano atravessa o último grande surto de crescimento e reorganização, o que torna este período crítico para consolidar bons hábitos.

► Ler reduz o stress, melhora a concentração, fortalece o vocabulário e a criatividade, retarda o declínio cognitivo e aumenta a empatia.

► Estudos citados pela autora mostraram que ler apenas seis minutos por dia já reduz significativamente os níveis de stress.

Criar o Hábito de Ler: O Impacto da Tecnologia, do Tempo e do Cérebro no Hábito de Leitura, como Criar Novos Hábitos



Meg Jay # Autora e Psicóloga Clínica (EUA)

A psicóloga clínica e autora Meg Jay defendeu que ler é um dos hábitos mais poderosos que podemos cultivar, sobretudo na juventude. Contou que o filho, que em criança lia todos os dias por gosto e iniciativa própria, passou a associar a leitura à sensação de “dever escolar”. Hoje, já adulto, quase não lê livros. “É um retrato comum dos jovens adultos em todo o mundo.” Segundo Jay, a leitura e o exercício físico eram, na infância, atividades “fáceis e divertidas”, mas tornaram-se tarefas quando impostas.

Explicou que o cérebro humano procura o caminho mais fácil, e nada é mais imediato do que o scroll infinito num smartphone.

O telemóvel é quase uma armadilha evolutiva: promete ligação e prazer, mas gera sobretudo comparação social, ansiedade e distração. Entre os 20 e os 30 anos, esta dependência

é particularmente grave, porque é quando o cérebro passa pelo último grande surto de crescimento e reconfiguração. Cada hábito consolidado nesta fase molda o futuro adulto.

“É a altura mais fácil para instalar bons hábitos – ou maus”, sublinhou.

A boa notícia, acrescentou, é que a leitura pode funcionar como um “substituto saudável”. Ler reduz o stress, melhora a concentração, fortalece o vocabulário e a criatividade, retarda o declínio cognitivo, aumenta a empatia e, acima de tudo, traz bem-estar imediato.

O desafio é transformar a leitura em hábito automático, tão integrado no quotidiano que se torna parte da identidade. Para ajudar nessa transformação, Jay **partilhou 13 pequenas estratégias:**

- 1) escolher livros que despertem interesse genuíno;
 - 2) ver-se a si próprio como leitor;
 - 3) ter sempre um livro por perto;
 - 4) substituir o lugar do telemóvel por um livro;
 - 5) manter uma lista de leituras;
 - 6) ter um cartão de biblioteca;
 - 7) tornar a leitura social;
 - 8) oferecer livros;
 - 9) apostar em audiolivros;
 - 10) definir objetivos;
 - 11) reservar tempo na agenda para ler;
 - 12) começar com sessões curtas — mesmo seis minutos já reduzem significativamente o stress — e, por fim,
 - 13) saber desistir de livros que não agradam.
- Trata-se de recuperar o prazer e a facilidade que um dia já estiveram associados à leitura.** “O melhor tipo de leitura é aquele que realmente fazemos”, concluiu. Seja romance ou não-ficção, papel ou áudio, meia-hora ou poucos minutos por dia, o essencial é criar espaço para o livro no presente. Porque é no hoje que se constrói o amanhã.

O Homem que Mordeu os Livros

Nuno Markl # Humorista, locutor de rádio e apresentador de TV (Portugal)

Nuno Markl subiu ao palco com o seu tom humorístico e fez da sua intervenção uma espécie de palestra cómica sobre literatura

— ou, mais precisamente, sobre alguns dos piores momentos literários alguma vez escritos. Assumindo desde o início o desconforto de estar num evento de prestígio, descreveu-se como alguém que apareceu “de fato de surf num casamento”. Partindo dos seus livros — que, como confessou, são sobretudo extensões encadernadas dos seus programas de rádio — o humorista explorou a ideia de que talvez o futuro da leitura passe menos pelo conteúdo e mais pelo invólucro: “**forrem tudo a pele**”, sugeriu, referindo-se à capa do seu próximo livro.

Markl falou-nos dos *Bad Sex Awards* – prémios

internacionais que distinguem, ano após ano, as piores descrições de cenas eróticas na literatura contemporânea. Com música de fundo e pausas calculadas, leu excertos de autores consagrados, interrompendo-os para comentar o absurdo das imagens usadas — **desde metáforas zoológicas**

improváveis, como mamilos comparados ao focinho de um animal noturno, até descrições mecânicas que remetem para máquinas de costura.

A apresentação foi uma reflexão bem-humorada

sobre as dificuldades de escrever sobre sexo nos romances, um tema que Markl admitiu ser um dos motivos pelos quais ainda não se aventurou a publicar ficção adulta. Depois de propor que talvez o título do painel devesse ter sido “**a paixão nos livros**” em vez de “**a paixão pelos livros**”, proporcionando ao público uma performance única, entre paródia, análise literária e stand-up.

RECOMENDAÇÕES

- Rir também é uma forma de ler: o humor pode aproximar novos públicos da literatura, desmistificando temas tidos como sérios.
- Explorar o insólito e o imperfeito como portas de entrada para o prazer da leitura.
- Promover o humor literário como ferramenta de crítica e de valorização da escrita criativa.
- Reconhecer a importância da autoironia na relação entre autores, leitores e livros.



“

Os meus livros são essencialmente extensões encadernadas dos meus programas de rádio.”

— Nuno Markl



CURIOSIDADES

- A filosofia da *Rebel Book Club* assenta em três pilares:
 1. Ritual – criar experiências únicas e memoráveis;
 2. Ritmo – manter regularidade e consistência nas atividades;
 3. Respeito – sintetizado no lema “*be curious, be kind*” (“seja curioso, seja gentil”).
- As sessões da comunidade incluem debates, cocktails, performances artísticas e eventos temáticos, tornando a leitura um ato social e transformador.
- Keene partilhou outras experiências internacionais, como o *London Writers’ Salon*, onde centenas escrevem em simultâneo via Zoom, e os *Reading Rhythms* de Nova Iorque, que juntam leitura silenciosa e festas de DJ.
- Defende que, na era da inteligência artificial, crescerá a procura por experiências humanas e presenciais ligadas à leitura.

“

Na era da inteligência artificial, vai crescer a procura por experiências humanas presenciais.”

— Ben Keene

A Linguagem da Experiência Humana



Ben Keene Empreendedor Social Premiado e Fundador do Rebel Book Club (Reino Unido)

Ben Keene, Fundador do **Rebel Book Club**, subiu ao palco com uma pergunta que arrancou sorrisos da audiência: “Quem sofre de *tsundoku*?”, termo japonês para a pilha de livros que cresce na mesinha-de-cabeceira mais depressa do que a capacidade de leitura. Ben defende que “somos o que lemos” e contou como três obras marcaram o seu percurso: *Remote*, que o convenceu de que era possível trabalhar a partir de qualquer lugar; *Let My People Go Surfing*, que o inspirou a dar prioridade ao ambiente e às pessoas sobre o lucro; e o romance *The Beach*, que o levou a fundar um projeto de ecoturismo nas Fiji em 2005. **“70% da decisão veio desses livros”**.

Desta convicção nasceu, em 2015, o *Rebel Book Club* em Londres, uma comunidade vibrante que transforma a leitura numa prática social. Ben enfatizou a importância de construir rituais e experiências que vão além da leitura, como encontros em locais inusitados, debates e performances de artistas, tudo integrado numa lógica

de aprendizagem, reflexão e ação. A seleção de livros do clube privilegia a diversidade de autores, equilibrando grandes editoras com publicações independentes.

A filosofia de construção de uma comunidade resumiu-se em três palavras: ritual, ritmo e respeito.

Ben partilhou iniciativas como o *London Writers’ Salon*, onde centenas escrevem em simultâneo via Zoom, e os *Reading Rhythms* de Nova Iorque, que misturam leitura silenciosa com música ao vivo. Ben partilhou um hábito simples para fomentar a leitura: **dedicar-lhe apenas 30 minutos por dia pode resultar em dezenas de livros lidos num ano**. O empreendedor encerrou a palestra com um desafio: **tornemos a leitura comunitária tão normal quanto o consumo de séries**, imaginando um clube de leitura como um ginásio para a mente.

Despertar para a Leitura: Já Leste Hoje?



Pedro **Pacífico** # Fundador do Book.Ster (Brasil)

Mariana **Nunes** # Criadora de conteúdos digitais (Portugal)

Analita **Alves dos Santos** # Escritora e Ativista literária (Portugal)

Pedro falou da sua experiência pessoal, explicando que a sua presença nas redes sociais – onde hoje conta com mais de 820 mil seguidores – surgiu da necessidade de encontrar uma comunidade com quem partilhar o prazer da leitura. Com o tempo, percebeu que a sua paixão podia contagiar outros e transformar-se numa plataforma de incentivo à leitura, que, no Brasil, como noutras geografias, enfrenta a concorrência de inúmeros estímulos digitais que fragmentam a atenção

O encontro juntou Pedro Pacífico, também conhecido como Bookster, e Mariana Nunes, jovem criadora de conteúdos digitais, numa conversa vibrante sobre o **lugar dos livros na era digital**, moderada pela escritora e ativista literária Analita Alves dos Santos.

e reduzem a capacidade de concentração. Pedro referiu ainda que a leitura de ficção e literatura no Brasil é muitas vezes encarada como uma “perda de tempo”. **Defendeu a importância de reposicionar a leitura como uma forma de entretenimento e de desaceleração, num mundo hiperestimulado.** A leitura, sublinhou, exige silêncio, paciência e a capacidade de lidar com o tédio.

Mariana Nunes, trouxe a perspetiva da geração mais jovem, identificando três barreiras à leitura: a forte competição de plataformas digitais, a percepção de que ler é uma obrigação, muitas vezes reforçada pelo Plano Nacional de Leitura na escola, e o preço elevado dos livros. A criadora de conteúdos destacou ainda a necessidade de maior representatividade nas obras,

para que os jovens se revejam nas histórias.

Recordou-se que **o digital veio facilitar pontes entre países afastados** pela geografia, permitindo maior circulação de ideias, livros e influências culturais. Se as redes sociais podem ser inimigas da concentração, também permitem, paradoxalmente, criar novas comunidades de leitores e atravessar o oceano da língua portuguesa, ligando Lisboa, São Paulo, Luanda ou Maputo.

Da conversa ficou a necessidade de resgatar o livro do espaço da obrigação e devolvê-lo ao prazer.



2 CURIOSIDADES

► Pedro Pacífico defende que a leitura deve ser vista como uma forma de entretenimento e desaceleração, num mundo dominado pela pressa e pela distração.

► Para Mariana Nunes, o problema da representatividade é central: muitos jovens não se identificam com os clássicos ou com as leituras obrigatórias.

► A conversa destacou a força da língua portuguesa no digital, que hoje liga comunidades literárias de Lisboa, São Paulo, Luanda e Maputo.

► Foi sublinhado que o ambiente digital, embora desafiante, pode criar pontes e novas comunidades de leitores.

A internet não afasta as variantes do português, aproxima-as.”

— Analita Alves dos Santos

As redes sociais podem ser inimigas da concentração, mas também criam novas comunidades de leitores.”

— Mariana Nunes

A leitura exige silêncio, paciência e até a capacidade de lidar com o tédio, virtudes cada vez mais raras.”

— Pedro Pacífico

SABIA QUE?

- O escritor José Eduardo Agualusa e o professor Marco Neves refletiram sobre os livros como “tecnologias de viagem no tempo”, capazes de preservar e transmitir o português de diferentes épocas e geografias.
- Foi recordada a “*História Geral das Guerras Angolanas*” (1680) como um exemplo de português angolano antigo, entrelaçado com o quimbundo.
- Defendeu-se que África será o futuro coração da língua portuguesa, graças ao seu crescimento demográfico e diversidade linguística.
- Em Cabo Verde, o crioulo e o português coexistem com funções distintas — a música em crioulo, a literatura em português —, demonstrando uma convivência harmoniosa.



“

Quem verdadeiramente ama a língua portuguesa tem de a amar no seu todo.”

— José Eduardo Agualusa

Os livros são tecnologias de viagem no tempo.”

— Marco Neves

A Força da Língua Portuguesa no Mundo



José Eduardo Agualusa

Jornalista, Autor e Editor (Angola)
Marco Neves # Autor e Professor na NOVA FCSH e investigador na área das línguas, literaturas e culturas (Portugal)

O professor e investigador Marco Neves abriu a conversa com o escritor José Eduardo Agualusa desafiando-o a refletir sobre os livros enquanto tecnologia de viagem no tempo — isto é, artefactos que nos permitem “ouvir” o português de outras épocas e geografias. Agualusa respondeu com a ideia-matriz que guiaria o diálogo: **quem verdadeiramente ama a língua portuguesa tem de a amar no seu todo, reconhecendo que a sua vitalidade reside precisamente nesse movimento contínuo de recriação.**

Entre exemplos como o gerúndio brasileiro ou léxicos preservados em regiões remotas, Agualusa e Neves recordaram que a língua não se esgota nas fronteiras nacionais e que só se comprehende na sua globalidade histórica e geográfica. A conversa

destacou o impacto do digital e da circulação de pessoas no espaço lusófono: nunca houve tanto trânsito de ideias, palavras e sotaques. O fenômeno, **impulsionado pela música**, de jovens portugueses que adotam expressões angolanas foi visto como

um sinal de encontro, não de fragmentação.

Defendeu-se que África, devido ao seu crescimento demográfico, será o futuro coração do português. Agualusa descreveu a sua admiração por línguas como o quimbundo, sonhando um dia falá-la fluentemente. Defendeu-se que “**O crioulo é o filho do português**”, numa imagem de filiação que ilustra a continuidade linguística e preserva palavras que caíram em desuso na língua portuguesa. Houve consenso sobre

o maior obstáculo: **a dificuldade de acesso ao livro**. Defenderam-se bibliotecas públicas, redes de circulação editorial e maior apoio às editoras, sublinhando o papel essencial dos livros na preservação e reinvenção da língua. A par disso, urge criar políticas que facilitem a circulação de livros entre os países lusófonos e que apoiem as editoras locais.

Agualusa recorda a “*História Geral das Guerras Angolanas*”, de 1680, como prova de um “português angolano” já antigo, tecido de arcaísmos e de quimbundo. **É no “borbulhar criativo” da sua diversidade que a literatura e a língua se reinventam.**

Um Legado que Perdura no Tempo



Marcelo Rebelo de Sousa # Presidente da República Portuguesa (Portugal)

Cristina Ovídio # Editora e Fundadora da Livraria Menina e Moça (Portugal)

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, encerrou o primeiro dia da Book 2.0 numa entrevista conduzida por Cristina Ovídio, fundadora da Livraria Menina e Moça. A conversa partiu de uma citação de Eça de Queirós — "Isto é um país impossível..." — para questionar se, no que respeita à leitura, se Portugal poderá ser visto dessa forma. Num contraponto ao pessimismo queirosiano, o Presidente recusou a ideia de que os portugueses leem cada vez menos, destacando o percurso da Festa do Livro nos Jardins de Belém, organizada desde 2016 pela Presidência da República em parceria com a APEL e as Bibliotecas de Lisboa.

Marcelo defendeu que o livro é um vetor essencial de democracia e pluralismo, sobretudo numa sociedade onde a frequência de museus e de teatro ainda é reduzida. O Presidente abordou também a coexistência entre o livro digital e o físico, afirmando que o digital "não matou" o livro tradicional,

mas, pelo contrário, "valorizou" a experiência de leitura. **"O livro que cheira, o livro que tem cor, o livro que tem capa"**, descreveu poeticamente, mantém um lugar especial na preferência dos leitores. Recordou ter sido editor, descrevendo a experiência como **"a maneira mais alegre de perder dinheiro"**.

O Presidente recordou o primeiro livro que o marcou, "Coração" de Edmundo de Amicis, bem como professores marcantes no ensino Primário e no Liceu. Entre os escritores que o acompanham, destacou Malraux, James Joyce e Tolstói. Confessou ainda a sua juventude existencialista, influenciada por Camus, cujo "mau humor revolucionário" o seduziu. Defendeu a poesia como uma presença constante, um exercício de reflexão fragmentada, capaz de iluminar pequenas passagens da vida quotidiana.

Marcelo abordou ainda políticas públicas como o Plano Nacional de Leitura e a

Rede de Bibliotecas Escolares, pilares que considera intocáveis para o futuro da literacia em Portugal. Deixou claro que até ao fim do seu mandato quer garantir que o PNL e as bibliotecas não sejam prejudicados por decisões burocráticas. Questionado sobre o futuro pós-presidencial, revelou a intenção de se dedicar aos jovens do ensino básico e secundário, colaborando com as escolas em atividades de leitura.

O encontro terminou com a oferta de uma peça artesanal evocativa do mar português, entregue por Cristina Ovídio ao Presidente. Nela, Marcelo Rebelo de Sousa escreveu a frase:

"Não ler é renunciar ao futuro".

A sala aplaudiu, reconhecendo na mensagem a síntese de uma conversa que percorreu a memória, a política, a democracia e a esperança no papel do livro para as próximas gerações.

“

A maneira mais alegre de perder dinheiro é ser editor.”

— Marcelo Rebelo de Sousa



RECOMENDAÇÕES

- Proteger e reforçar o Plano Nacional de Leitura e a Rede de Bibliotecas Escolares, assegurando a sua continuidade e impacto social.
- Valorizar o livro físico e a experiência sensorial da leitura, reconhecendo a sua importância cultural e afetiva.
- Promover o acesso precoce à leitura, envolvendo crianças e jovens desde o ensino básico.
- Preservar a leitura como ferramenta de democracia e pluralismo, capaz de confrontar ideias e promover pensamento crítico.
- Incentivar o diálogo intergeracional através dos livros, fortalecendo laços familiares e sociais.



A Reinvenção do Potencial Humano, a Sociedade e o Futuro



Os livros sempre refletem a **condição humana**, sendo espelhos dos nossos desafios, das nossas conquistas e da nossa evolução social. Num mundo marcado pela desinformação crescente, é crucial repensar o papel do conhecimento e da leitura no desenvolvimento pessoal e coletivo. Como é que os livros continuam a ser um catalisador para a evolução individual e coletiva? Nesta edição, exploramos o impacto da leitura no desenvolvimento humano e a sua ligação com a identidade e cultura. Analisamos de que modo o conhecimento pode ser a chave para **um futuro mais informado e equilibrado**, destacando o papel da educação e da política na promoção da leitura e do pensamento crítico. Olhamos para o setor do livro em Portugal, os desafios que enfrenta e as políticas que podem impulsionar a leitura. De que modo a leitura pode ser uma ferramenta de **transformação pessoal e social**? Quais são os impactos de crescer num mundo desconectado? O que está a ser feito para impulsionar a leitura em Portugal? Como podemos fortalecer a nossa identidade e história através da literatura?

RECOMENDAÇÕES

- ▶ Promover a leitura profunda e reflexiva, essencial ao pensamento crítico, à empatia e à democracia.
- ▶ Equilibrar o uso do digital e do papel, formando leitores “biliterados” que dominem ambos os mundos.
- ▶ Educar para a atenção e o silêncio, contrariando o excesso de estímulos e distrações do ambiente digital.
- ▶ Reforçar a literacia mediática e emocional, ajudando as novas gerações a resistir à superficialidade e à desinformação.
- ▶ Valorizar o papel das escolas e das famílias na preservação da leitura como prática diária de crescimento humano.



“

As crianças são as mensagens vivas que enviamos para um tempo que não veremos.”

— Maryanne Wolf

O Potencial dos Livros na Evolução da Sociedade



Maryanne Wolf # Directora do Centro de Dislexia, Alunos Diversos e Justiça Social na UCLA (EUA)

Maryanne Wolf, neurocientista cognitiva e psicolinguista da UCLA, trouxe uma reflexão densa e apaixonada sobre o papel da leitura na formação do ser humano e os riscos que a cultura digital e a inteligência artificial representam para essa herança.

A sua intervenção partiu de uma premissa clara: a leitura deve ser considerada um direito humano básico, uma atividade que reorganiza o cérebro,

moldando a forma como pensamos, sentimos e interagimos com o mundo. “Não somos apenas o que lemos, somos também o modo como lemos”, sublinhou, reforçando que o processo de leitura é tão determinante quanto os conteúdos.

A cientista explicou que o cérebro humano não nasceu para ler. Cada indivíduo, ao aprender, cria circuitos específicos num processo de neuroplasticidade que varia conforme o sistema de escrita, a formação educacional e os meios usados. A leitura profunda, aquela que exige atenção, tempo e esforço, envolve processos como a inferência, o pensamento analógico, a reflexão crítica e a empatia — a capacidade de “passar para a vida dos outros”.

O que Maryanne chamou “o dilema digital” está a alterar radicalmente estes processos. A leitura superficial tornou-se a norma, marcada por padrões de navegação em “F” ou “Z”, pelo excesso de distrações, pela dificuldade em manter a atenção sustentada. Meta-análises recentes mostram de forma consistente que a **leitura em papel supera a digital na compreensão de textos**, e que o tempo excessivo de lazer digital se associa a perdas cognitivas, sobretudo

entre as crianças. O impacto não é apenas individual: **se a análise crítica e a empatia enfraquecerem, as sociedades tornam-se mais vulneráveis à desinformação e à manipulação demagógica, fragilizando os pilares da democracia.**

Maryanne propõe o conceito de “cérebro biliterate”, capaz de preservar os benefícios da leitura profunda em papel, sem perder as vantagens do digital. Trata-se de **“preservar e expandir”**, cultivando leitores que naveguem no mundo digital com competência, mas que mantenham a profundidade, a memória e a empatia que só a leitura analógica parece oferecer em plenitude. Para terminar, citou Neil Postman: “As crianças são as mensagens vivas que enviamos para um tempo que não veremos.” Nessa frase condensa-se o apelo final: que a humanidade não abdique da sabedoria que a leitura pode transmitir, mesmo em plena revolução tecnológica.

O Modo Dinamarquês de Educar no Mundo Digital: Uma Nova Abordagem para Criar Crianças Inteligentes no Uso de Ecrãs



Jessica Joelle Alexander # Autora e Especialista em Parentalidade (Dinamarca)

Jessica Joelle Alexander apresentou uma reflexão sobre como educar crianças para o mundo digital, destacando que a tecnologia é inevitável e deve ser abordada como um rito de passagem.

Inspirada pelo programa de cidadania digital das escolas dinamarquesas, a autora de *The Danish Way of Parenting* partilhou a sua experiência pessoal, de como combinou com a filha que esta receberia o seu primeiro telemóvel após várias conversas guiadas com base numa série de cartões desenvolvidos com a ajuda de psicólogos e especialistas.

Em vez de proibir ou adiar o acesso à tecnologia, Jessica criou um programa de educação digital para a filha.

A autora apresentou os três pilares da educação dinamarquesa que considera essenciais para o contexto digital. O primeiro é “**Brincadeira**” (*Play*). A brincadeira livre, hoje fluida entre físico e

digital, é essencial para o desenvolvimento infantil. Jessica sugere que os pais mostrem curiosidade sobre os videojogos dos filhos, perguntando-lhes o que os atrai nesses universos e nos seus heróis. O segundo pilar é “**Reenquadramento**” (*Reframing*), uma competência que os dinamarqueses dominam e que lhes permite encontrar o lado positivo de situações aparentemente negativas. Os seres humanos têm uma “forma enviesada de negatividade” que os leva a focarem-se nos perigos do digital e a desperdiçarem as oportunidades que este pode proporcionar. Exemplificou com a filha, que aprendeu a tocar bateria através do telemóvel, e o filho, que joga xadrez online com amigos de várias partes do mundo.

É necessário pensar na qualidade do tempo de ecrã e nas aprendizagens genuínas.

O terceiro é “**Hygge**”, o famoso conceito dinamarquês para o sentimento de conforto, um espaço psicológico de presença e conexão. A autora sugeriu a transição do mindfulness individual para o “wefulness” coletivo, destacando a importância de momentos livres de ecrãs e conversas descontraídas sobre a vida digital.

O futuro digital não vai desaparecer, lembrou, e cabe aos adultos preparar as crianças para serem cidadãs competentes nesse território. Para isso, é preciso curiosidade, diálogo, confiança e a coragem de aprender lado a lado com elas. “**Build the bridge, not the wall**”, resumiu.



SABIA QUE?

► A autora e investigadora Jessica Joelle Alexander, conhecida pelo livro “*The Danish Way of Parenting*”, defende que a entrada das crianças no mundo digital é inevitável — um verdadeiro rito de passagem.

► Inspirada pelo programa de cidadania digital das escolas dinamarquesas, criou com a filha um programa de educação digital familiar, baseado em cartões de conversa desenvolvidos por psicólogos e especialistas.

► A autora sublinha que os pais não devem delegar a educação digital na escola, mas sim envolverem-se ativamente, com curiosidade e diálogo.

► O seu modelo educativo baseia-se em três pilares dinamarqueses aplicados ao contexto digital: Brincar (*Play*), Reenquadradar (*Reframing*) e *Hygge*.

“

Não se trata de proibir cegamente, mas de criar confiança e diálogo.”

— Jessica Joelle Alexander

SABIA QUE?

- A Aletria é uma biblioteca itinerante criada em 2022 por três amigos com formação educativa e artística e forte ligação à comunidade.
- É muito mais do que uma carrinha de livros: funciona como centro móvel de cultura e arte, com instrumentos musicais e materiais de expressão plástica disponíveis ao público.
- A Aletria empresta livros sem burocracias, promove oficinas artísticas, tertúlias, leituras, sessões de cinema ao ar livre e debates comunitários.
- As devoluções dos livros podem ser feitas por correio ou em pastelarias parceiras — um gesto simbólico de proximidade e confiança.



“

Cada livro
emprestado semeia
um pouco de futuro.”

— Carta de um leitor à Aletria

A Aletria é mais do
que uma carrinha
é um veículo de
cidadania ativa.”

— Luís Pulido

A Atuação Aletria: Pela Estrada Fora



João Tempera



Actor, Músico e Fundador da Aletria (Portugal)

Luís Pulido



Músico, Professor de Música e Fundador da Aletria (Portugal)

Inaugurada em 2022, a Aletria – Biblioteca foi criada por três amigos com formação nas áreas educativas e artísticas e com forte envolvimento na comunidade e na vida artística da cidade. A Aletria é mais do que uma carrinha transformada numa bonita e acolhedora biblioteca itinerante, recheada de livros de qualidade, de vários géneros e para todas as idades.

É um veículo de cidadania ativa, um centro móvel de cultura e arte.

Durante o Book 2.0, a Aletria esteve estacionada à porta do auditório do Centro Champalimaud. Após uma leitura com acompanhamento musical, Luís explicou que a Aletria circula por praças e festivais, emprestando livros e oferecendo oficinas artísticas, debates e tertúlias. As devoluções fazem-se por correio ou em pastelarias

parceiras. Em troca chegam cartas de leitores, como a de um miúdo que escreveu que nunca mais se ia “**esquecer do caracol do Sepúlveda**”, alimentando a convicção de que cada livro emprestado semeia um pouco de futuro.

A biblioteca disponibiliza também instrumentos musicais e materiais de arte para a livre experimentação de toda a comunidade, contribuindo para a revitalização dos espaços urbanos e para a implementação de dinâmicas de participação na cidade e nas escolas, que fortalecem a **coesão social**, o **desenvolvimento** e o **bem-estar da comunidade**.

Normalmente, encontram-na estacionada no pátio de uma escola, num jardim ou numa praça da cidade, com a sua pequena esplanada improvisada e uma programação de **leituras e tertúlias, oficinas artísticas, sessões de música e cinema ao ar livre**.

O Impacto de Contar Histórias



Fernanda Freitas # Fundadora da Associação Nuvem Vitória (Portugal)

A apresentação de Fernanda Freitas, fundadora da associação Nuvem Vitória, foi um testemunho emotivo sobre como um gesto simples pode transformar a experiência de crianças hospitalizadas e das suas famílias. O ponto de partida foi uma pergunta: **“E se os hospitais pudesse oferecer às crianças noites mais tranquilas, através de histórias de embalar contadas por voluntários?”** Fundada em 2016 e reconhecida como IPSS e entidade de utilidade pública, a associação começou com um projeto piloto no Hospital de Santa Maria, com 24 voluntários. Hoje, a Nuvem Vitória trabalha com hospitais de norte a sul do país, conta com mais de 1300 voluntários, já mais de 126 mil histórias foram contadas que tiveram impacto em quase 88 mil

internamentos, num total superior a 38 mil horas de ações de voluntariado.

Um estudo da professora Cristina Vaz de Almeida, da Sociedade Portuguesa de Literacia em Saúde, confirmou que as histórias são um excelente recurso para as crianças lidarem com situações desagradáveis, consolidando a fantasia como modo de aceitar melhor a experiência do internamento. Foi também apresentado o estudo de Guilherme Brockington, físico especializado em neurociências, que mediou biomarcadores antes e depois das sessões de histórias. Os resultados mostraram um aumento da oxitocina (hormona da empatia), diminuição do cortisol (hormona do stress), redução da dor reportada e uso de

léxico mais positivo para

descrever a estadia hospitalar, **a primeira prova bioquímica dos benefícios que os voluntários observavam empiricamente.**

A diversidade dos voluntários é notável: professores, juízes, polícias, estudantes, artistas. Entre eles, destacou-se um voluntário especial: o Presidente da República, Professor Marcelo Rebelo de Sousa, que apadrinhou o final do projeto-piloto. O reconhecimento culminou

com o prémio do Parlamento Europeu, que distinguiu a Nuvem Vitória como melhor projeto de cidadania.



“

O livro é um objeto de afeto – cria vínculos impossíveis de reproduzir digitalmente.”

— Fernanda Freitas

SABIA QUE?

- A Nuvem Vitória foi fundada em 2016 por Fernanda Freitas e é hoje uma IPSS e entidade de utilidade pública.
- O projeto começou com 24 voluntários num piloto no Hospital de Santa Maria, em Lisboa.
- Atualmente, a associação conta com mais de 1300 voluntários e já proporcionou mais de 126 mil histórias contadas, que tiveram impacto em quase 88 mil internamentos e somando mais de 38 mil horas de voluntariado.
- O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, foi um dos primeiros voluntários e apadrinhou o final do projeto-piloto.
- A Nuvem Vitória foi distinguida pelo Parlamento Europeu como melhor projeto de cidadania.

“

Queria ler uma história que não existia, então, escrevi os livros que queria ler.”

— Paula Pimenta

? CURIOSIDADES

- ▶ Paula Pimenta assume-se como autora “cor-de-rosa”, escrevendo histórias com finais felizes, porque “a vida já é a preto e branco o suficiente”.
- ▶ Para aproximar os jovens leitores, integrou a linguagem digital nas suas narrativas: as personagens comunicam por mensagens de texto e redes sociais, fazendo o leitor sentir-se “como se lesse o diário de uma amiga”.
- ▶ A autora leva o telemóvel para o livro, defendendo que o digital pode abrir portas para a leitura prolongada.
- ▶ Ao adaptar as suas obras para o cinema, aprendeu a traduzir pensamentos em ações visuais, respeitando o espírito dos livros.
- ▶ Paula acredita que o cinema e a televisão ajudam a atrair novos leitores, mas, como afirma com humor, “todo o mundo sabe que o livro é melhor”.



Os Livros, as Crianças e o Cinema



Paula Pimenta # Autora (Brasil)

Bárbara Wong # Editora no Público (Portugal)

A escritora brasileira Paula Pimenta, referência da literatura infanto-juvenil lusófona, falou com a jornalista Bárbara Wong sobre o seu percurso e a importância da leitura entre os mais novos. Reconheceu que, embora os seus livros tenham protagonistas femininas, também atraem leitores masculinos, apesar de algum preconceito inicial: **“Os meninos têm um certo preconceito por a história ser narrada por uma garota”**, explicou, contrastando com o facto de, por outro lado, as raparigas lerem sem reservas livros como *Harry Potter*, protagonizados por personagens masculinas.

Pimenta explicou que **se inspira** nos diários da adolescência, escrevendo livros que gostaria de ter lido. “Queria ler uma história que não existia, então, escrevi os livros que queria ler”, disse, explicando como mistura autobiografia e ficção. **“Os sentimentos**

e as descobertas da adolescência são os mesmos em qualquer geração”, permitindo que leitores dos 8 aos 70 anos se identifiquem com as suas histórias. A escritora assume deliberadamente o rótulo de autora “cor-de-rosa”, definindo os seus livros como histórias com finais felizes destinados a fazer sonhar. **“A vida da gente já é a preto e branco o suficiente”**, justifica, defendendo a literatura como escape para um mundo mais otimista.

Paula integra a linguagem digital nas histórias, lembrando que formatos eletrónicos e atividades lúdicas podem ser portas de entrada para a leitura mais longa. “Levei o telemóvel para o livro”, explicou, descrevendo como as suas personagens comunicam através de tecnologias actuais. Esta estratégia permite que os leitores se sintam como se estivessem “a ler o diário de uma amiga ou vizinha”.

A escritora destaca a importância de treinar a leitura prolongada para desenvolver vocabulário, foco e criatividade.

Sobre as adaptações cinematográficas das suas obras, confessou ter sentido alguma resistência pessoal. Contudo, a insistência dos leitores levou-a a vender os direitos cinematográficos, processo no qual quis participar ativamente – como argumentista e consultora – de modo a preservar a fidelidade das histórias originais. A experiência ensinou-lhe as necessidades específicas do cinema, nomeadamente, a **transformar pensamentos e monólogos interiores em ações visuais**. Paula defendeu que a visibilidade proporcionada pelo cinema e pela televisão pode atrair novos leitores.

Empoderar as Famílias para Prevenir o Vício dos Ecrãs



Adriana Stacey # Consultor Médico na ScreenStrong (EUA)

A psiquiatra Adriana Stacy, mãe de quatro filhos e conselheira da organização Screen Strong, alertou para o que considera ser uma emergência educativa e de saúde pública: a ubiquidade dos ecrãs e o seu impacto no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes. Stacy explicou que, no cérebro em desenvolvimento, os ecrãs provocam descargas massivas de dopamina, comparáveis a drogas como a cocaína. O problema agrava-se pelo facto do **córtex pré-frontal** – responsável pelo controlo de impulsos – ser a **última área do cérebro a amadurecer**.

A psiquiatra enumerou **consequências físicas e comportamentais**: miopia por falta de focagem ao longe, défice de sono, carência de vitamina D, obesidade e até redução da espessura cortical, associadas

a ansiedade, depressão, redução de competências sociais, automutilação e aumento de ideação suicida. Explicou ainda que

90% de todas as dependências adultas começam na adolescência.

Adriana apresentou uma outra estatística impressionante: **entre o oitavo ano de escolaridade e a conclusão do ensino secundário, o adolescente médio passa 16 000 horas a olhar para ecrãs de entretenimento**, tempo que poderia ter sido aplicado em atividades criativas, em desporto ou a ler. Quanto às diferenças de género, os rapazes correm maior risco de isolamento social e de dependência de videojogos e pornografia,

enquanto as raparigas são mais vulneráveis aos efeitos nocivos das redes sociais, como a depressão, a ansiedade e as perturbações alimentares.

Comparando o efeito de livros impressos e de ecrãs no processo de aprendizagem, Adriana foi categórica: **os livros fortalecem a concentração, aumentam o tempo de atenção, a capacidade de empatia, melhoram a resistência mental e a disciplina**, e reduzem a impulsividade, enquanto **os ecrãs têm o efeito oposto**.

A psiquiatra deixou algumas recomendações, tais como, evitar o contacto com tablets e smartphones até aos 13 anos, interditar telemóveis nas escolas, ter presença nas redes sociais e smartphones próprios só a partir dos 18 anos.



“
O vício em ecrãs imita o das substâncias, pois desencadeia surtos de dopamina que mantêm as crianças viciadas.”

— Adriana Stacey

RECOMENDAÇÕES

- Evitar o uso de tablets e smartphones até aos 13 anos.
- Proibir telemóveis nas escolas durante o horário letivo.
- Adiar o acesso a redes sociais e telemóveis próprios até aos 18 anos.
- Promover hábitos de leitura regulares, que reforçam a atenção, empatia e resistência mental.
- Substituir o tempo de ecrã por atividades criativas, físicas e sociais.
- Educar pais e professores para reconhecerem os sinais de dependência digital e intervirem precocemente.

“

A leitura de ficção é um dos motores mais eficazes da literacia.”

— Lucia Dellagnelo



SABIA QUE?

- Em Portugal, apenas 5% dos jovens de 15 anos demonstram competência plena de leitura, ou seja, conseguem compreender, refletir e criar textos complexos.
- 42% dos adultos portugueses têm um nível de literacia muito baixa, conseguindo apenas interpretar textos simples e listas.
- Segundo a OCDE, Portugal vende apenas 1,3 livros por pessoa por ano, um valor muito inferior à média europeia.
- A faixa etária entre 45 e 65 anos, que tem maior poder de compra e mais tempo disponível, é paradoxalmente a que apresenta níveis mais baixos de literacia.
- A OCDE está a preparar um novo modelo do PISA 2029, que incluirá competências de interação com a inteligência artificial.

A Literacia em Portugal



Lucia Dellagnelo # Directora Adjunta para a Educação e Skills da OCDE (Brasil)

Joana Petiz # Diretora Editorial SAPO e jornalista (Portugal)

Lúcia Dellagnelo, vice-direadora da divisão de Educação e Skills da OCDE, apresentou dados reveladores sobre o estado da literacia em Portugal. Segundo a especialista, Portugal tem uma trajetória ambivalente nos resultados do PISA, o maior estudo de literacia mundial que avalia estudantes de 15 anos em 81 países. Em 2003, começou abaixo da média europeia, teve períodos de melhoria significativa, mas encontra-se novamente em declínio.

Apenas 5% dos jovens portugueses demonstram competência plena de leitura

capacidade de compreender, refletir e criar textos complexos.

Entre os adultos, o cenário é ainda mais crítico. Os dados do PIAAC, que avalia competências de literacia entre os 16 e 65 anos,

mostram que Portugal está claramente abaixo da média da OCDE, com a diferença a agravar-se com a idade. **Os dados indicam que 42% dos adultos portugueses têm um nível de literacia muito baixa**, revelando-se incapazes de se envolverem com textos complexos ou avaliarem criticamente o seu conteúdo. Esta realidade representa um relevante paradoxo económico: a faixa etária dos 45 aos 65 anos, que tradicionalmente tem maior capacidade financeira para comprar livros e mais tempo disponível para a leitura, apresenta os níveis mais baixos de literacia. **Em Portugal, vendem-se apenas 1,3 livros por pessoa anualmente, uma média muito inferior ao resto da Europa.** Ainda assim, apresentou dois aspectos positivos: Portugal está relativamente bem na capacidade de distinguir factos de opiniões e os jovens demonstram capacidades acima da média em pensamento criativo.

A investigação da OCDE revela conclusões fundamentais para políticas educativas. **Primeiro, é clara a associação entre o tempo dedicado à leitura de livros impressos e o nível de literacia.** Depois, e talvez mais surpreendente, **a leitura de ficção está correlacionada com o desenvolvimento da literacia**, sendo, possivelmente, mais eficaz do que a leitura de textos técnicos ou manuais. Face aos desafios da IA, Lúcia defende que a leitura deve ser preservada como um espaço de resistência digital. Nas escolas, **propõe a introdução da "hora da leitura"**, em que cada aluno tem tempo para se dedicar exclusivamente a ler um livro à sua escolha. Para os pais, defende que ter livros em casa deve ser considerado parte do capital cultural e financeiro da família e recomenda adesão a clubes de leitura, transformando a leitura num acto social.

A Voz que Vem de Dentro



Dino D'Santiago # Músico, compositor, co-fundador e Presidente da ONGD Mundu Nôbu em Lisboa (Portugal)

Vítor Belanciano # Jornalista, Crítico Cultural, Autor e Investigador (Portugal)

O músico Dino D'Santiago conversou com o jornalista Vítor Belanciano sobre a importância dos livros na sua formação pessoal e no seu projeto de transformação social. Foram o seu "primeiro passaporte": numa casa de chão de terra batida no Bairro dos Pescadores, em Quarteira, o pai montou uma pequena biblioteca que lhe abriu janelas para o mundo. Foi através desses livros – de ciência, artes, geografia – que Dino conheceu Itália, França e desenvolveu a paixão pelo surrealismo de Salvador Dalí. A conversa tocou nas contradições da sua infância, entre o pai que lia diariamente a Bíblia e o jovem Dino que procurava refúgio nos heróis da *Marvel*.

Esta tensão entre o sagrado imposto e a fantasia desejada marcou a sua relação inicial com a leitura

e a necessidade de escape.

A paternidade redefiniu o seu conceito de legado: inicialmente preocupado em

garantir o futuro financeiro dos filhos, Dino percebeu que a verdadeira herança seriam os livros: **"Se quisesse deixar uma herança real aos meus filhos, são os meus livros. Se eles me quiserem conhecer, é através dos livros"**. Esta consciência levou-o a procurar livros sobre história afro-diaspórica, preenchendo lacunas que sentiu no sistema educativo português. "Nunca tive representatividade nos livros que lia", confessou, explicando como esta ausência afetou a sua autoestima até descobrir a existência de imperadores, reis e rainhas africanos. A literatura tornou-se fundamental para se olhar "com orgulho" e não como "descendente de uma pessoa escravizada".

Através da ONG Mundu Nôbu, inspirada no projeto norte-americano *The Brotherhood Sister Sol*, o músico trabalha com jovens de comunidades carenciadas, investindo nos seus sonhos e desenvolvendo

aptidões baseadas nas suas aspirações pessoais. A conversa terminou com uma homenagem poética à tradição oral, citando uma mulher de 92 anos, analfabeta e invisual, da ilha de Santiago, que lhe ensinou a máxima mais importante:

"vende o medo para comprar coragem".

Esta frase, segundo Dino, resume a urgência dos tempos atuais e a necessidade de coragem para assumir responsabilidades coletivas num mundo em autodestruição. O músico anunciou o lançamento do seu primeiro livro, *"Cicatrizes"*, dedicado aos filhos. Descreveu-o como um abraço ao "puto Dino" que sonhava na barraca e que andava dois quilómetros sozinho até à escola com uma mochila amarela e um livro como companhia. "Os livros têm sido a minha salvação até aos dias de hoje", concluiu.



2 CURIOSIDADES

- Durante a infância, vivia entre o ambiente religioso do pai, que lia diariamente a Bíblia, e a fantasia dos heróis da *Marvel* e dos animes, que o faziam sonhar.
- A paternidade fê-lo repensar o conceito de herança: mais do que o dinheiro, o legado são os livros que deixar aos filhos.
- Ao descobrir a história afro-diaspórica, encontrou finalmente representatividade e orgulho nas suas origens, reconhecendo reis, rainhas e impérios africanos omitidos dos manuais escolares.
- Prefere o livro em papel ao digital — pela necessidade física de "sentir o papel e o cheiro".
- A sua atuação pública e artística é indissociável de um compromisso político e social, abordando temas como Gaza, o Sudão e a igualdade racial.

“

Os livros têm sido a minha salvação até aos dias de hoje.”

— Dino D'Santiago



“

A leitura é a pedra angular da democracia.”

— *Johan Pehrson*

SABIA QUE?

- Em 2024, a Suécia vendeu 69 milhões de livros, enquanto Portugal vendeu apenas 14 milhões, apesar de terem populações semelhantes (cerca de 10 milhões de habitantes).
- Segundo a Eurostat (2022), 70% dos suecos leram pelo menos um livro no último ano, contra 58% dos portugueses.
- A Suécia tem 180 anos de políticas consistentes de incentivo à leitura, desde a escolarização obrigatória à criação de bibliotecas públicas acessíveis.
- Todas as bibliotecas escolares suecas são obrigadas, por lei, a ter um bibliotecário dedicado.
- Durante o horário escolar, os telemóveis estão proibidos — medida apoiada por 95% da população, que melhorou a concentração e estimulou a atividade física.

Ação Política: O que Está a Ser Feito?



Johan Pehrson # Ex-Ministro da Educação na Suécia (Suécia)

Carlo Carrenho # Consultor Editorial (Suécia)

A Suécia destaca-se como um exemplo de sucesso na promoção da leitura na Europa. Em 2024, vendeu 69 milhões de livros, contra 14 milhões em Portugal, com uma população idêntica de 10 milhões de habitantes. Segundo dados da Eurostat de 2022, **70% dos suecos** leram pelo menos um livro no ano anterior, face a **58% dos portugueses**. O ex-ministro da Educação da Suécia, Johan Pehrson, e o consultor editorial Carlos Carrenho analisaram as razões deste sucesso e o que Portugal pode aprender dessa experiência.

Johan atribuiu este sucesso a uma estratégia com 180 anos, de quando o Estado tornou a escolarização obrigatória, investiu em campanhas de leitura, em bibliotecas acessíveis e em políticas para democratizar o acesso ao livro. Destacou também o papel da Academia Sueca, responsável pelo Prémio Nobel da Literatura, a desempenhar um papel fundamental na promoção da língua e da literatura nacional. Johan reconheceu que a Suécia enfrenta os

mesmos desafios do resto da Europa: os jovens estão a perder a capacidade de concentração necessária para a leitura. O ex-ministro abordou a decisão de reduzir a digitalização nas escolas na Suécia, regressando aos livros em papel, que considera essenciais para um desenvolvimento cognitivo saudável e para a formação de futuros líderes digitais.

Outro pilar do modelo sueco é o fortalecimento das bibliotecas escolares. **A nova legislação sueca exige que todas as bibliotecas escolares tenham um bibliotecário, reconhecendo que a escola é "o último recurso para criar um campo de jogo mais equilibrado para todas as crianças".** Carlos Carrenho, residente na Suécia, deu o exemplo de uma biblioteca exclusiva para crianças dos 10 aos 13 anos, onde os pais não podem entrar, criando um espaço autónomo para os mais novos. A integração de imigrantes também é prioridade: Johan defendeu que as crianças devem aprender sueco mantendo a língua materna, e Carlos citou

o exemplo de bibliotecas internacionais e aulas de português nas escolas públicas de Estocolmo, que valorizam a diversidade linguística e cultural.

Johan sublinhou ainda o impacto positivo da proibição de telemóveis nas escolas durante o horário lectivo, apoiada por 95% da população. O ex-ministro concluiu com uma mensagem clara:

“A leitura é a pedra angular da democracia”,

defendendo que toda a evolução humana depende da capacidade das populações lerem e avaliarem informação de forma autónoma. “Somos o povo do livro”, declarou, alertando que sem esta capacidade, a própria democracia está em risco.

Manifesto dos Editores Europeus da FEP (Federation of European Publishers)



Sonia Draga # Presidente da Federation of European Publishers, FEP (Polónia)

A presidente da Federation of European Publishers (FEP), composta por 31 associações nacionais de editores de livros, revistas científicas e conteúdos educacionais, apresentou o manifesto da organização para o futuro da edição europeia, assente em **três pilares: criar, inovar e sustentar.**

CRIAR

A FEP defende leis de direito de autor robustas que assegurem remuneração justa aos autores e investimento das editoras em obras de qualidade. Sonia Draga denunciou a substituição indiscriminada de manuais escolares por photocópias, **sinalizando que empobrecem o mercado e penalizam a criatividade.**

Mostrou-se igualmente incisiva quanto à inteligência artificial, exigindo transparéncia por parte das empresas quanto às fontes utilizadas, defendendo pagamento ou remoção de obras não autorizadas. O manifesto defende também o apoio às traduções de livros

de línguas estrangeiras, pedindo o aumento e a simplificação dos programas europeus destinados a esse fim.

INOVAR

No capítulo da inovação, pede-se maior acesso a financiamento europeu. Os programas **Creative Europe** e **Horizon Europe**, avaliados em quase 100 mil milhões de euros ao longo de sete anos,

surgem como alavancas para que pequenas e médias editoras

continuem a investir em investigação e desenvolvimento de normas padrão como o ISBN e tecnologia acessível como o formato ePub. Draga apelou também a instrumentos eficazes contra a pirataria online, que corroem receitas e ameaçam a sustentabilidade do sector. **A transparéncia na inteligência artificial e o respeito pela propriedade intelectual são**

considerados essenciais, sendo o combate à pirataria com ferramentas legais apropriadas "mais necessário do que nunca".

SUSTENTAR

A sustentabilidade foi abordada tanto em **termos ambientais** quanto **económicos**. As editoras têm procurado reduzir a sobreprodução e a pegada ecológica, e a FEP continua a apelar à exclusão dos livros do regulamento de desflorestação, considerando que as obrigações resultantes colocarão "um fardo desproporcional no setor". Ao longo dos anos, a FEP tem vindo a conseguir alargar a definição de livro para que os **audiolivros** e **ebooks** beneficiem da **tabela reduzida** e, mais recentemente, para permitir que os livros beneficiem de **tabela zero**. É o que está a acontecer na Dinamarca, que anunciou que os livros físicos passarão de uma taxa de IVA de 25%, a mais alta da Europa, para zero, juntando-se à República Checa e Irlanda.

“

Os livros não devem ser penalizados por regulamentos ambientais – são parte da solução, não do problema.”

— Sonia Draga



RECOMENDAÇÕES

- Reforçar e harmonizar a proteção dos direitos de autor em toda a União Europeia.
- Exigir transparéncia e compensação justa pelo uso de obras literárias em modelos de IA.
- Aumentar o apoio europeu à tradução de livros, simplificando processos e promovendo a diversidade linguística.
- Facilitar o acesso das PME editoriais a fundos de inovação, através dos programas Creative Europe e Horizon Europe.
- Combater a pirataria digital com legislação e ferramentas de aplicação eficazes.
- Promover a aplicação de taxas de IVA reduzidas ou nulas para todos os formatos de livro, físicos e digitais.



“

A leitura é o maior truque de magia que existe:
transforma-nos sem nos apercebemos.”

— Mário Daniel

SABIA QUE?

- O cubo de Rubik, criado em 1974 por Ernó Rubik, permite 43 quintiliões de combinações possíveis — um número tão gigantesco que, se cada uma fosse materializada, cobriria a Terra com 273 camadas de cubos.
- O ilusionista Mário Daniel foi inspirado na infância pelos livros de Enid Blyton, autora da célebre coleção “Os Cinco”, que despertou o seu fascínio por mistérios e enigmas.
- A sessão combinou ilusionismo e literatura, transformando o palco num espaço de descoberta e espanto.

A Magia das Palavras



Mário Daniel # Ilusionista – Minutos Mágicos (Portugal)

A sessão "A Magia dos Livros" revelou-se uma experiência onde **ilusionismo e literatura se cruzaram** de forma surpreendente. Mário Daniel, mágico ilusionista, começou por desafiar a plateia a realizar um exercício coletivo com as mãos – um aquecimento que preparou o ambiente para o que se seguiria.

Daniel partilhou memórias da sua infância marcada pelos livros de Enid Blyton, explicando como essa atração por mistérios e enigmas moldou o seu percurso. Foi esse fascínio por puzzles e desafios que o conduziu ao cubo de Rubik, objeto central desta demonstração. O ilusionista contou que nos anos 90, ainda criança, tentou resolver o cubo com o irmão de uma forma pouco ortodoxa: retirando as peças e recolocando-as no lugar certo. A satisfação momentânea deu lugar à frustração de não terem conseguido resolver o cubo da forma certa. A partir daí, o cubo de Rubik passou a acompanhá-lo constantemente. O ilusionista envolveu o

público numa atividade com cartões que continham quatro palavras relacionadas com o evento. Os participantes foram instruídos a baralhá-los, rasgá-los ao meio, recombinar as metades de diferentes formas e realizar uma série de movimentos coordenados, até ao ponto em que todos descobriram que, apesar das escolhas aleatórias e individuais, acabaram com a mesma palavra. Mário Daniel afirmou que

não se criam novos leitores por imposição, mas sim dando-lhes os livros certos no momento certo.

Defendeu que os livros despertam curiosidade, enriquecem a linguagem e transformam a forma de ver o mundo, valores ilustrados pelas metáforas do cubo de Rubik e das palavras fragmentadas e reconstruídas.

Masterclass: Capacitação do Mercado Editorial para a Adaptação Digital



Daniel Benchimol # CEO da Academia Proyecto451 (Argentina)

A masterclass "Capacitação do mercado editorial para a adaptação digital", focada no impacto da inteligência artificial na indústria do livro, foi apresentada pelo especialista argentino Daniel Benchimol, CEO da Academia Proyecto451. Para ilustrar a escala da revolução em curso, Daniel contextualizou os investimentos atuais em IA, destacando que Google, Meta e Microsoft aplicaram em apenas um ano montantes semelhantes aos dos grandes projetos históricos: **34 mil milhões de dólares no Projeto Manhattan** e **280 mil milhões** ao longo de 12 anos no **Programa Apollo**.

Daniel prosseguiu ao mostrar a evolução vertiginosa da qualidade das imagens geradas por IA desde 2015, especialmente na geração de imagens e vídeos sintéticos. **"Não podemos confiar em nada: nenhuma imagem, nenhum vídeo, nenhum áudio, nenhum texto"**, advertiu. Estamos a entrar na "fase três" da evolução da IA: o desenvolvimento de agentes capazes de executarem tarefas complexas autonomamente. E demonstrou como um agente analisaria o mercado editorial português,

consultando 150 fontes em 10 minutos e produzindo um relatório de 40 páginas que incluiria dados de mercado, tendências e análises sectoriais. Estes agentes podem também **automatizar processos editoriais complexos**, desde a análise de capas de bestsellers até à criação de newsletters personalizadas.

O CEO da Academia Proyecto 451 alertou para cinco mudanças estruturais que a IA está a provocar no sector editorial. Em primeiro lugar, identificou o declínio do valor económico do processamento de texto, explicando que o custo de gerar uma quantidade de texto equiparável a uma obra como *Harry Potter* baixou de 24 dólares em 2023 para 5 céntimos hoje. Em segundo, referiu a prática de incluir em publicações instruções dirigidas especificamente a modelos de IA. Em terceiro, destacou as competências em constante evolução da IA, que consegue executar tarefas cada vez mais complexas, duplicando as suas capacidades a cada sete meses. Em quarto, a personalização absoluta de tudo: "os consumidores podem adaptar qualquer conteúdo ao seu gosto, formato e necessidades

específicas." E por fim, a criação e interação com conteúdos em tempo real através de novas tecnologias como a *Genie 3*, da *Google*.

Benchimol propôs três estratégias para gerar "prompts" que permitam trabalhar de forma eficaz com IA: dar exemplos concretos do que se pretende em vez de explicações longas; pedir à própria tecnologia que avalie e melhore as suas respostas; e utilizá-la para *feedback*, pedindo-lhe que critique e questione as nossas decisões editoriais.

A masterclass terminou com uma reflexão sobre a importância crescente do analógico e do presencial num mundo cada vez mais digital,

com Daniel a questionar por que razão alguém ainda compraria um livro impresso neste panorama, uma pergunta a que os profissionais do sector terão de saber responder.



SABIA QUE?

► Durante a masterclass, Benchimol demonstrou vídeos com pessoas sintéticas a falar português, ilustrando o avanço do *deep learning* e a dificuldade crescente em distinguir o real do artificial.

► Estamos a entrar na "fase três" da evolução da IA: a era dos agentes inteligentes, capazes de tomar decisões e agir de forma autónoma.

► Entre as tecnologias emergentes, destacou a *Genie 3* (Google), que permitirá criar e interagir com conteúdos em tempo real.

► Algumas editoras já incluem instruções específicas para modelos de IA dentro das suas publicações — uma nova forma de comunicação entre criadores e máquinas.

► Benchimol sublinhou a ironia do futuro digital: quanto mais cresce o virtual, maior se torna o valor simbólico e emocional do livro físico.

“

Não podemos confiar em nada: nenhuma imagem, nenhum vídeo, nenhum áudio, nenhum texto.”

— Daniel Benchimol



O Papel do Livro no Futuro

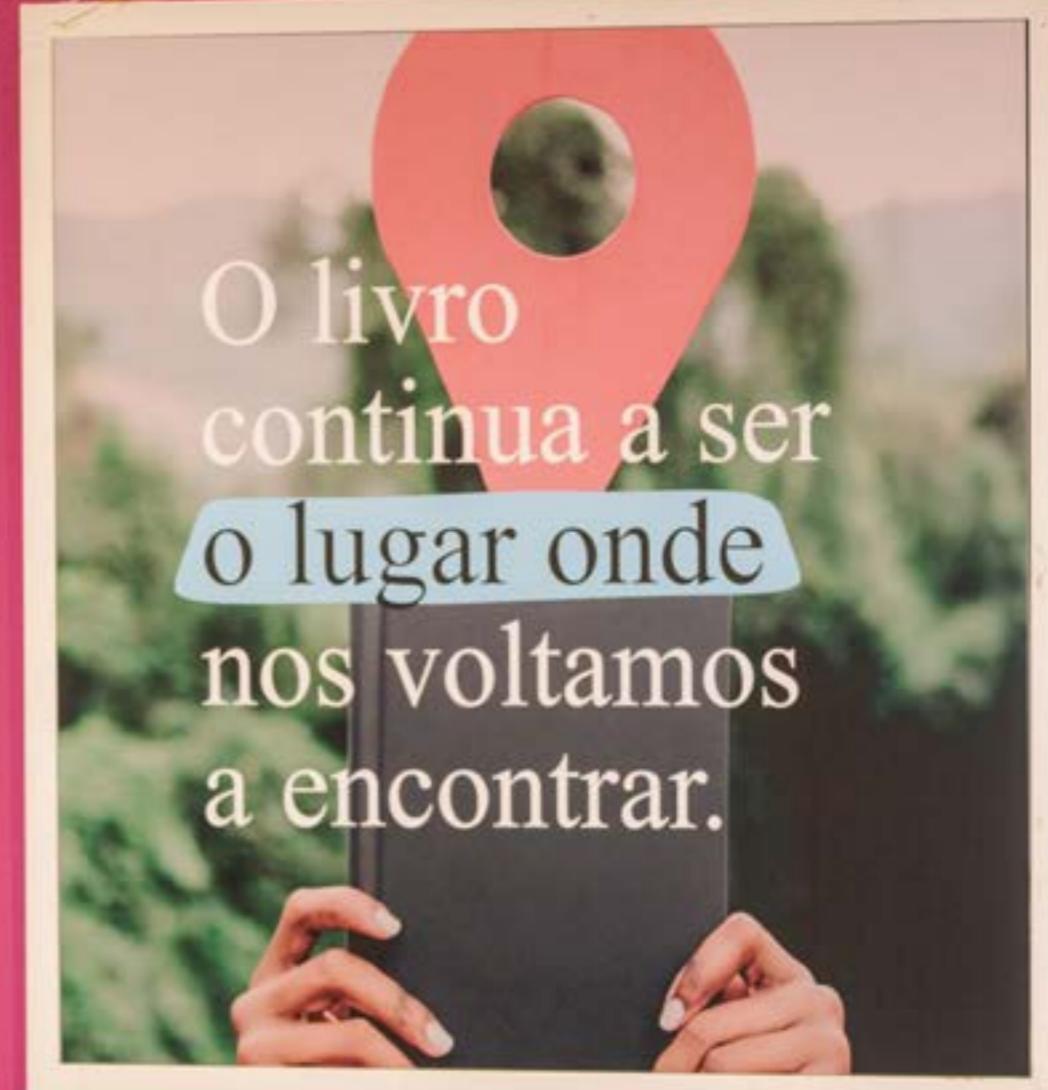
Um compromisso coletivo para fortalecer a leitura, proteger o livro e preparar o futuro cultural e digital.

O Impacto da Inteligência Artificial e do Digital

- A leitura esteve no centro de todas as conversas — como direito humano, ferramenta de cidadania e espaço de imaginação. O **Book 2.0** mostrou que o futuro do livro depende do equilíbrio entre tecnologia e humanidade, entre a **inovação digital** e o **valor insubstituível do papel**.
- A **inteligência artificial** dominou o debate, entre o **entusiasmo** e a **cautela**. Especialistas defenderam transparência, proteção dos direitos de autor e uma nova ética tecnológica que **valorize o olhar humano na criação**.
- Maryanne Wolf lembrou que “**não somos apenas o que lemos, somos também como lemos**”, sublinhando que a leitura profunda é vital para o **pensamento crítico** e a empatia. Jessica Joelle Alexander e Adriana Stacy reforçaram a necessidade de **preparar as novas gerações** para um uso equilibrado e consciente do digital.
- No século da inteligência artificial, **o livro mantém-se a mais humana das tecnologias** — **e ler** continua a ser o ato mais silencioso, profundo e revolucionário de todos.

A Leitura como Ação Social e Educativa

- Políticas públicas sólidas, bibliotecas vivas e um Plano Nacional de Leitura forte foram apontados como **pilares essenciais** para garantir o acesso, formar leitores e fortalecer a democracia. **A leitura** foi também defendida **como ato de liberdade e instrumento de coesão social**.
- Da Suécia à OCDE, chegaram alertas e bons exemplos: regressar ao papel nas escolas, criar bibliotecas ativas e dedicar tempo à leitura de ficção são **caminhos comprovados** para **elevar a literacia e o espírito crítico**.
- Entre histórias inspiradoras — da Nuvem Vitória à Aletria, de Dino D'Santiago a Paula Pimenta — **o livro** surgiu **como símbolo de afeto, partilha e transformação**. Iniciativas comunitárias, clubes de leitura e projetos solidários mostraram que **ler é também criar laços**.



Resumo das Principais Recomendações apresentadas no Book 2.0



RESUMO

PROMOVER HÁBITOS DE LEITURA

- ▶ Inspirar nos jovens o gosto pela leitura.
- ▶ Incentivar o consumo de livros digitais a par dos formatos físicos.
- ▶ Desenvolver programas comunitários e educativos para promover os hábitos de leitura.
- ▶ Organizar eventos de leitura e clubes de leitura nas comunidades para envolver diferentes grupos etários.
- ▶ Estabelecer parcerias com empresas locais para criar incentivos à compra e leitura de livros.
- ▶ Implementar desafios de leitura nas escolas para motivar os alunos através de prémios e reconhecimento.
- ▶ Promover sessões de apresentação de livros aos mais jovens de forma criativa e ajustada às idades compreendidas.

EDUCAÇÃO ACESSÍVEL E RESPONSÁVEL

- ▶ Melhorar o acesso à literatura por parte da população economicamente desfavorecida.
- ▶ Criar programas de apoio aos leitores jovens e idosos que enfrentam desafios.
- ▶ Defender a intervenção política para garantir um acesso equitativo à literatura e à educação.
- ▶ Apoiar iniciativas para reduzir o preço dos livros e melhorar a qualidade dos materiais impressos.
- ▶ Fornecer recursos digitais gratuitos ou a baixo custo a comunidades carenciadas.
- ▶ Desenvolver bibliotecas móveis ou livrarias pop-up para chegar a zonas remotas.

LITERACIA

- ▶ Incentivar ferramentas e tecnologias de literacia inovadoras.
- ▶ Promover a leitura como um meio de capacitar indivíduos e comunidades.
- ▶ Implementar programas de literacia de temas diversos para adultos (ex. literacia digital, literacia financeira).
- ▶ Desenvolver programas de literacia familiar para envolver os pais no desenvolvimento da leitura dos seus filhos.
- ▶ Utilizar workshops de narração de histórias para melhorar a literacia e as competências de comunicação.



SUSTENTABILIDADE NO SECTOR DA EDIÇÃO

- ▶ Realizar um estudo mais profundo do impacto do sector editorial no planeta e na utilização dos recursos.
- ▶ Identificar as vulnerabilidades do sector no que diz respeito à sustentabilidade e encontrar medidas inovadoras alinhadas com os compromissos para 2030 e 2050.
- ▶ Promover o diálogo entre as partes interessadas sobre a sustentabilidade no sector editorial.
- ▶ Promover práticas sustentáveis entre as editoras, tais como métodos de impressão e cadeias de abastecimento amigos do ambiente.
- ▶ Envolver autores e leitores em debates sobre o impacto ambiental das suas escolhas de livros.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO

- ▶ Incentivar representações diversificadas nas narrativas, especialmente para jovens adultos.
- ▶ Promover a igualdade de género no reconhecimento literário.
- ▶ Implementar quotas para a literatura lusófona e para autoras contemporâneas nos currículos.
- ▶ Apresentar a literatura de vozes sub-representadas em festivais de livros e leituras públicas.

▶ Desenvolver programas de orientação que juntem autores emergentes de diversas origens a escritores consagrados.

▶ Promover a literatura que aborda questões de justiça social para educar os leitores para a inclusão.

BEM-ESTAR MENTAL

- ▶ Reconhecer o papel da narração de histórias no desenvolvimento emocional e na saúde mental, como uma terapia de cura e equilíbrio.
- ▶ Facilitar debates e programas de leitura comunitários sobre a felicidade e a sensibilização para a saúde mental.
- ▶ Apoiar programas para os pais explorarem uma comunicação construtiva sobre as histórias familiares.
- ▶ Promover a terapia do livro como uma ferramenta para a cura emocional e o auto-conhecimento.

TRANSFORMAÇÃO DIGITAL

- ▶ Utilizar as plataformas digitais e as redes sociais para chegar a públicos mais vastos, principalmente os mais jovens.
- ▶ Conhecer os benefícios e as considerações éticas da Inteligência Artificial na edição.

▶ Promover parcerias entre livrarias tradicionais e plataformas digitais para facilitar o debate e a análise de livros.

▶ Fornecer formação a autores e editores sobre como tirar partido das estratégias de marketing digital.

▶ Incentivar a utilização de podcasts e conteúdos de vídeo para promover livros e autores.

ESTRATÉGIAS PARA A EDUCAÇÃO

- ▶ Integrar os romances nos currículos escolares para uma aprendizagem diversificada.
- ▶ Utilizar a ficção histórica para fomentar a empatia e o interesse pela história, pela nossa cultura e valores que nos caracterizam.
- ▶ Promover a utilização responsável e ética da tecnologia e da Inteligência Artificial na educação.
- ▶ Implementar programas de formação de professores centrados na integração inovadora da literatura.
- ▶ Projetos interdisciplinares que combinem a literatura com disciplinas como a ciência, a arte e os estudos sociais.



Podcast Book 2.0



Em 2025, o Book 2.0 lançou uma nova série de podcasts, criando um espaço contínuo de reflexão sobre o futuro do livro, da leitura e do conhecimento. Esta série reúne convidados marcantes de edições passadas do evento e propõe debates sobre as ideias e tendências que estão a redefinir o sector editorial e literário.

Como podemos usar o digital a favor do livro? Que livros marcam as nossas vidas? Como se adapta o livro à inteligência artificial? Quais os desafios de um escritor em Portugal?

A cada episódio, autores, criadores e investigadores exploram estas questões, refletindo sobre como a leitura mantém o poder de inspirar e transformar num mundo cada vez mais digital. Nos episódios já disponíveis, **Hugo van der Ding** fala com humor e franqueza sobre o poder dos livros em nos transportar para outros universos; **Maria João Faria** revela o impacto do fenómeno BookTok e como os jovens redescobrem a leitura no digital; **Helena Magalhães** partilha a importância de promover literatura escrita

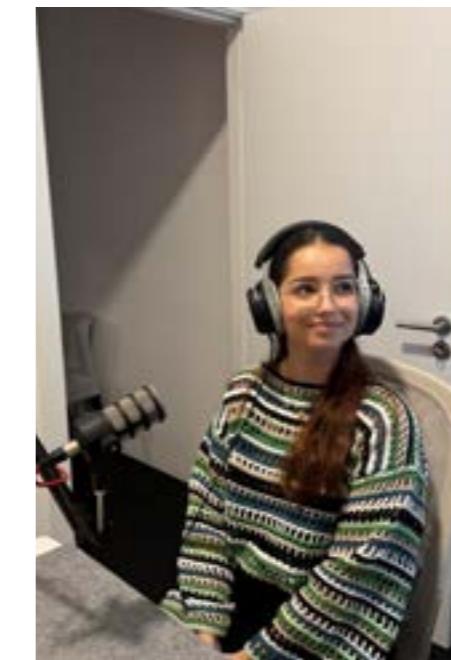
por mulheres e a criação do seu clube do livro, Book Gang; **Sara Rodi** explora os bastidores da escrita, do livro ao argumento, e o impacto das narrativas que marcam gerações; **Nuno Caravela** aborda literatura infantojuvenil e a formação do leitor do futuro; **Filipa Fonseca**, fundadora do **Clube de Mulheres Escritoras**, fala sobre os desafios de ser uma mulher escritora em Portugal; e **Pedro Freitas** reflete sobre o poder da poesia e a sua experiência em levá-la a diferentes públicos pelo país.

Esta série oferece conversas inspiradoras e provocadoras que desafiam a pensar o livro e a leitura no século XXI.

Cada episódio é um convite a descobrir histórias, ideias e experiências

que continuam a transformar a forma como lemos e pensamos o mundo.

Ouça os episódios completos do podcast **Book 2.0** onde e quando quiser.



Book 2.0
Spotify

Podcast Prova Oral



Ouça a emissão completa na **RTP Play** e reveja todos os momentos da conversa.



O programa **Prova Oral**, conduzido por **Fernando Alvim**, marcou presença no Book 2.0 com uma emissão especial dedicada ao tema “**O Futuro dos Livros**”. Gravada ao vivo durante o evento, esta conversa reuniu autores, leitores e comunicadores apaixonados pela palavra escrita, num diálogo sobre o papel da leitura na atualidade. Entre os convidados estiveram **Pedro Pacífico**, criador do projeto Bookster, **Mariana Nunes** e **Analita Alves dos Santos**, que partilharam reflexões sobre o prazer de ler e as oportunidades de promover a leitura num mundo cada vez mais digital. À conversa juntaram-se também **José Eduardo Agualusa**, **Nuno Markl** e **Marco Neves**, que evocaram os livros que mais os marcaram e discutiram como as histórias continuam a moldar a forma como pensamos e sentimos.



As histórias continuam a moldar a forma como pensamos e sentimos.



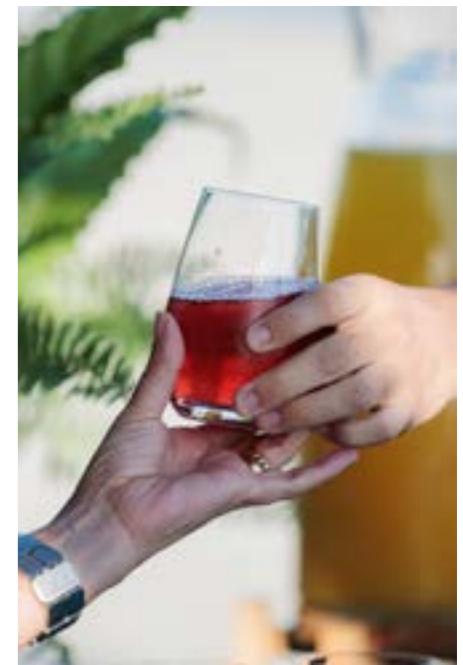
Prova Oral

Antena 3

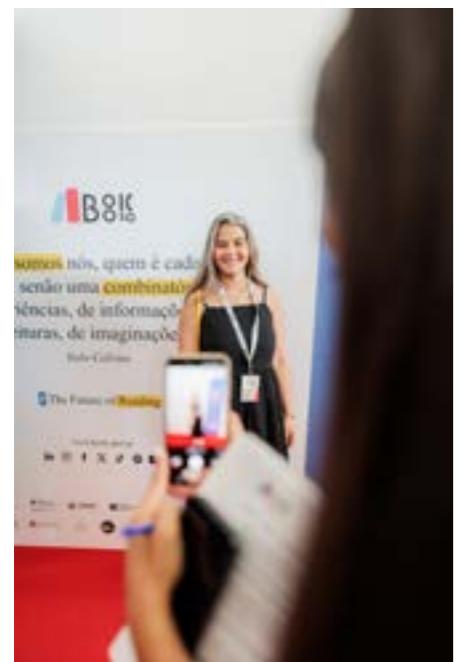
Cocktail



"Um *espaço*
de encontro,
onde *as ideias*
ganham voz."



O Book 2.0





Parceiros

Um especial agradecimento
aos parceiros da terceira
edição do Book 2.0

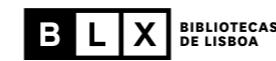
Uma iniciativa



Com o Alto Patrocínio
de Sua Excelência
Under the High Patronage of the
President of the Portuguese Republic



O Presidente da República



C. Santos VP



PUBLISHING PERSPECTIVES

Parceiro Estratégico e Produção

vanillaproject
inspiring change



Quem somos nós, quem é cada um
de nós senão uma **combinatória** de
experiências, de informações, de
leituras, de imaginações?

Italo Calvino

The Future of Reading

www.book.apel.pt

in @ f X d e v



The Future of Reading

BOOK 2.0

Fundação Champalimaud: O Palco da Reinvenção



A **Fundação Champalimaud**, reconhecida internacionalmente pela sua excelência em investigação científica e inovação, foi o palco escolhido para acolher a 3.ª edição do Book 2.0. A escolha deste espaço estabeleceu uma ligação imediata com o tema central do evento, “A Reinvenção das Espécies”, criando uma ponte simbólica entre o pensamento científico e o universo literário. Ao trazer o debate sobre o futuro do livro para um lugar dedicado à descoberta e à vanguarda, a APEL destacou a ideia de que também o livro e o setor editorial precisam de evoluir e adaptar-se aos novos tempos. Tal como a ciência se transforma para responder aos desafios da humanidade, a leitura e o conhecimento devem acompanhar essa mudança, reinventando-se para permanecer relevantes na era digital.

O Centro Champalimaud ofereceu o cenário perfeito para esta reflexão. A sua arquitetura contemporânea, o ambiente inspirador e o espírito de curiosidade que o define criaram o contexto ideal para reunir mais de quarenta oradores entre investigadores, escritores e líderes do setor editorial. A convergência entre ciência, arte e literatura reforçou a mensagem central do evento: o livro é e deve continuar a ser um motor de transformação, um instrumento de pensamento crítico e um meio de progresso coletivo. Ao longo de dois dias, o auditório da Fundação Champalimaud tornou-se um espaço de diálogo entre ciência e literatura, onde a literacia e a capacidade de adaptação se afirmaram como fundamentos essenciais para a nossa constante reinvenção enquanto sociedade.





Governança

EQUIPA BOOK 2.0



Bruno Pires Pacheco
Secretário-Geral APEL



Ana Tristão
Projetos
Internacionais APEL



Silvia Rodriguez
Diretora Executiva
Book 2.0



Catarina Santos
Comunicação
Book 2.0



Thaís Yumiko
Gestora de Projeto
Book 2.0

DIREÇÃO APEL



Miguel Pauseiro
(Bertrand Editora)
Presidente



Bernardo Santos
(LeYa)
Vice-Presidente



Ana Neves
(El Corte Inglés)
Vogal



Clara Capitão
(Penguin Random
House GEP)
Vogal



Filipe Infante
(Editorial Presença)
Vogal



Manuel Fonseca
(Guerra & Paz
Editores)
Vogal



Rita Pinto
(Edições Almedina)
Vogal

Medidas de Inclusão e Acessibilidade no Book 2.0

Porque é fundamental que o Book 2.0 seja de todos e para todos, implementámos diversas medidas para garantir a inclusão e a acessibilidade a todos os participantes.

COMUNICAÇÃO PRÉ-EVENTO

Antes do evento, foram partilhadas informações detalhadas sobre as opções de acessibilidade no site oficial do Book 2.0, permitindo aos participantes um planeamento em conformidade. Foi criado um mecanismo de *feedback*, através do formulário de registo, para que os participantes pudessem solicitar adaptações específicas.

LÍNGUA GESTUAL

Uma equipa de intérpretes de língua gestual qualificados esteve presente durante todo o evento, em palco.

INTERPRETAÇÃO EM SIMULTÂNEO

Para acomodar todos os participantes, foi disponibilizada tradução simultânea para todas as sessões. Os participantes puderam aceder às traduções em tempo real

através de auscultadores, o que lhes permitiu participar plenamente nos debates e nas apresentações.

ACESSIBILIDADE

O local escolhido para a segunda edição do Book 2.0, era totalmente acessível, com rampas, elevadores e instalações sanitárias acessíveis a mobilidade reduzida. Foram reservados lugares para pessoas com mobilidade reduzida, no topo do Auditório.

AGENDA DIGITAL

Num esforço de minimizar o desperdício de papel, foi disponibilizada uma agenda online através de código QR apresentado, com regularidade, nos ecrãs do Auditório. Os participantes podiam facilmente digitalizar os códigos para aceder ao programa e aos detalhes das sessões nos seus dispositivos, garantindo que todos tinham informações atualizadas.

ACESSIBILIDADE AOS CONTEÚDO PÓS-EVENTO

As gravações de todas as sessões foram disponibilizadas no canal de Youtube do Book 2.0, por forma a garantir a acessibilidade à informação.



Book.apel.pt

